

Conheça o Protocolo que o faz ganhar.

PUBLICIS



Aderir ao nosso Protocolo é aceder a um leque alargado de produtos e serviços em condições muito favoráveis:

**Super Conta de Depósitos a Ordem**

- Oferta da 1ª caderneta de cheques • Oferta da 1ª anuidade do Cartão de Débito • Isenção das despesas de manutenção da conta • Domiciliação gratuita dos pagamentos periódicos • Acesso imediato a uma linha de crédito com taxa de juro preferencial • Antecipação do ordenado • Excelente remuneração em função do saldo.

**Crédito Pessoal**

- Taxa de juro preferencial até 5 anos.

**Crédito Automóvel**

- Excelentes condições de aquisição nas modalidades de Leasing ou ALD, até 5 anos.

**Cartões de Crédito**

- Linha de crédito gratuita até 50 dias • Seguros associados muito vantajosos • Condições preferenciais na primeira anuidade.

**Crédito Habitação**

- Taxa de juro preferencial, até 40 anos • Redução especial de comissão de dossier e despesas de avaliação • Conversão dos empréstimos em curso em condições especiais.

**Crédito Habitação Transferência**

- Oferta do serviço de solicitadoria • Isenção de comissão de dossier e de custos de avaliação • Possibilidade de aumentar o montante do crédito.

**Crédito Pessoal com Garantia Hipotecária**

- Taxa igual à do crédito habitação, até 40 anos.

Para mais informações dirija-se já a um Balcão do Totta, Crédito Predial ou Santander.

**totta**



**Crédito Predial**  
Português



**Banco**  
**Santander**



REVISTA

da  
**CAVALARIA**

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Março 2004 | 3ª Série | Ano II | Nº 2

**ÁFRICA**

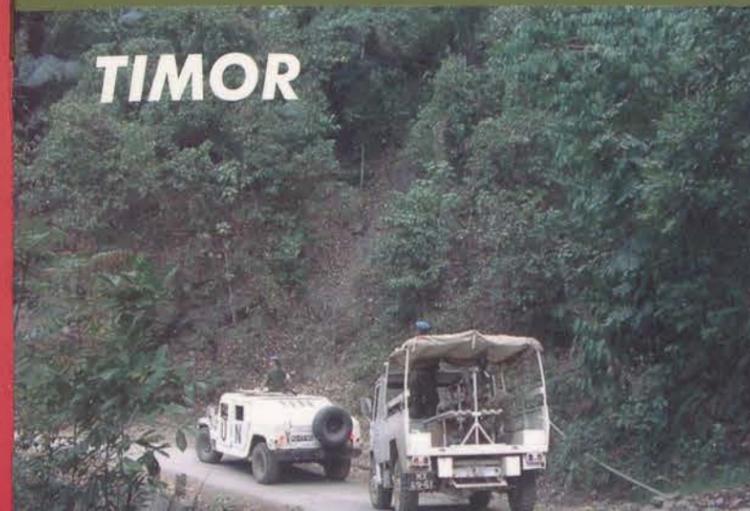


**Cavalaria**  
em **Operações**

**BALCÃS**



**TIMOR**



# MILAN 3

UM NOME DO SÉCULO XX  
COM A EFICÁCIA DO SÉCULO XXI



**TECNOLOGIA AVANÇADA PARA  
UMA MAIOR CAPACIDADE DE DEFESA**

12, rue de la Redoute - 92260 FONTENAY-AUX-ROSES - FRANCE  
Tel: 33 (1) 41 87 14 14 - Fax: 33 (1) 46 61 64 57 - e-mail: marketing@euromissile.fr

 euromissile

 EADS



MONTAGREX - OPTAGREX

Serviços, Produtos, Importações e Exportações, lda.



# Sumário

■ Palavras do Director Honorário da Arma _____ Tenente-General Raúl Durão Correia	4
■ Editorial _____ MAJ Cav Francisco Amado Rodrigues	5
■ Correio do Leitor _____	7
■ «Contributos para uma unidade/tipo para operações de apoio à paz» _____ TCOR Cav Simões de Melo	10
■ «Unidades Mecanizadas de Cavalaria nas forças nacionais destacadas» _____ CAP Cav José Loureiro	16
■ «A Cavalaria em operações de apoio à paz» _____ CAP Cav Jorge Ferreira	20
■ «Blindados na Guiné: PelRec FOX 888» _____ COR Cav Ref Castro Neves	26
■ «O Teorias» _____ SMOR Cav Ref Fernando Lourenço	32
■ «Carros de combate na história do Regimento de Cavalaria N° 3» _____ Sr Luís Costa	36
■ Livros / Artigos / Revistas / Sites _____	46
■ Resenha de Actividades das Unidades _____	50
■ Promoções / Nomeações e Óbitos _____	58

## ■ FICHA TÉCNICA

**Propriedade**  
Associação Revista da Cavalaria

**Director**  
MAJ Francisco Amado Rodrigues

**Chefe de redacção**  
MAJ José Miguel Freire

**Redacção**  
CAP Sérgio Paulo Santos

**Revisão**  
MAJ Francisco Amado Rodrigues  
MAJ José Miguel Freire

**Execução gráfica**  
SOARTES - artes gráficas, lda.

**Depósito Legal**  
203499/03



# Palavras do Director Honorário da Arma



Raúl Durão Correia  
Tenente-General

O Director da revista pediu-me que nestas páginas dirigisse algumas palavras de saudação aos “Cavaleiros”, o que naturalmente faço com o maior agrado.

Entendeu Sua Excelência o General Chefe do Estado-Maior do Exército nomear-me Director Honorário da Arma de Cavalaria. Considero esta nomeação uma distinção que muito me honra. Honra-me excepcionalmente pela força do seu simbolismo, para mim altamente prestigiante. Honra-me também, porque é um privilégio suceder nas funções a Ilustres Oficiais Generais em que me habituei a ver referências de conduta que desde sempre respeitei, e muito aprecio e a cujas lembranças de actuação, pelo que de importante me transmitiram e ensinaram, ainda hoje com frequência faço apelo.

O recente despacho N°220/CEME/03 atribui ao Director Honorário como incumbências, “no seio do Exército a preservação da tradição e do espírito de corpo e o desenvolvimento da sã camaradagem entre os militares da Arma, e ainda a de “representar a Arma em cerimónias militares ou outras actividades relacionadas de natureza protocolar”.

Deixa assim o Director Honorário de ser “interlocutor privilegiado do Comandante do Exército para os assuntos da Arma que entenda por

convenientes”, como no anterior despacho N°254/94, de 30Set, era determinado.

Por outro lado foram também extintas as Comissões das Armas e Serviços (Despacho n°227/CEME/03).

Entendo que, em termos de funções do Director Honorário, esta situação vem sugerir um aliciente desafio que naturalmente exige e potencia o interesse cada vez maior de se pensar no que é o nosso passado, naquilo que é o património histórico, moral e cultural da nossa Arma, e enfim, em ordem a tal, no que é a nossa História, a do Exército e a de Portugal.

A Cavalaria sempre foi um paradigma das boas tradições. E temos tantas e tão ricas! Por isso vamos recuperar-las, ajudar a vivê-las e transmiti-las às gerações que se seguem.

Aos Cavaleiros mais velhos competirá o mais importante papel no garante dessa continuidade, nomeadamente através das páginas da nossa Revista: há sempre algo a transmitir; sempre uma história a contar; uma experiência a partilhar; há sempre uma “ordem” a dar!

E aos Cavaleiros mais novos, que com coragem, valor e entusiasmo, e nas mais diversas situações e missões se preparam para continuar a assumir significativa e relevante parte do “nosso querer”, gostaria de me dirigir aqui também, em especial. A nossa maneira

de servir imporá sempre e mais disponibilidade, espírito de sacrifício, competência e exigência no cumprir. Sem um verdadeiro espírito de missão dificilmente se vence.

E se o desalento alguma vez vos condicionar, também isso é normal. As dificuldades são grandes, mas não deveis desanimar. Recordo-vos Mouzinho de Albuquerque, o nosso Patrono, ele próprio um exemplo de tenacidade e perseverança que ainda hoje deve continuar a incentivar-nos.

Na verdade mudaram-se os tempos e as leis. Até mudaram e muito as vontades e a qualidade moral de algumas pessoas que nos rodeiam! Contudo não mudou, nem poderá mudar o **nosso espírito**.

Na Carta de Mouzinho a Sua Alteza o Príncipe Real, D. Luís de Bragança, podereis encontrar a melhor resposta ao fortuito desalento que, face às contrariedades quotidianas, ocasionalmente vos possa vir a marcar. Documento modelar de afirmação de carácter e de honra, na Carta se encontra, entre muitas outras referências, uma frase que para nós, militares, deverá continuar a ser excepcionalmente marcante: “Este Reino é obra de Soldados”! E eu lembrar-vos-ei que os Cavaleiros são Soldados!

A todos saúdo com o maior respeito, estima e fraterna camaradagem. ■

# Editorial

REVISTA DA CAVALARIA.

3. Em Agosto do presente ano comemorar-se-á o centenário da edição do primeiro número da *Revista da Cavalaria*. Disponibilizamo-nos, desde já, para participar em parceria com outras entidades, também relacionadas com essa efeméride, no planeamento de um programa de actividades e no apoio à sua execução, de acordo com os parcos recursos existentes.

É nossa intenção reconstituir a colecção da *Revista da Cavalaria* na sua totalidade, como parte integrante do património da Associação. Assim, solicitamos a quem tenha essa capacidade, parcial ou total, para proceder à sua doação, enviando-a para o Regimento de Lanceiros 2.

4. O tema nuclear deste número dois é sobre a *Cavalaria em África* (1961-1974) e a *Cavalaria em Operações de Apoio à Paz* (1997-2003). Foi nossa intenção garantir o relato de experiências feitas em cada um e todos os teatros de operações onde a Cavalaria esteve presente durante aqueles períodos de tempo. Embora tal não tenha sido possível na sua plenitude, ficarão para memória futura apenas os seguintes artigos:

– “Blindados na Guiné: PelRec FOX 888”, do Coronel de Cavalaria (Reforma) Castro Neves. A rica descrição da nomeação, instrução,

1. No pretérito dia 14 de Novembro de 2003 decorreu, no Comando e Quartel-General do Governo Militar de Lisboa, a cerimónia de lançamento do número 1 da 3ª série da *Revista da Cavalaria*. Hoje, atrevemo-nos a afirmar que o risco prefigurado na sua reedição – acrescido da produção em simultâneo do respectivo Suplemento – foi ganho.



Cerimónia de lançamento do nº 1.



Usando o estilo metafórico, consideramos que se tratou do início de uma viagem em que se registou alguma turbulência no arranque. A seguir chegará o tempo de estabilidade, mas é preciso percorrer certo espaço.

MAJ CAV Francisco Amado Rodrigues  
Professor da cadeira de Material e Tiro  
de Cavalaria na Academia Militar.

Nesse sentido, reconhecemos que houve alguma perturbação nas acções subsequentes ao lançamento da Revista, mas as deficiências, omissões e dificuldades detectadas ou sentenciadas não constituem motivo suficiente para interromper essa “viagem”, antes pelo contrário, são razões para se aperfeiçoar e evoluir o *modus operandi* da actual Direcção.

Com a edição do actual número dois, fica preenchida uma porção desse espaço, necessária à obtenção da desejada solidez e que, por sua vez, é um dos elementos fundamentais para a viabilidade do projecto *Revista da Cavalaria*.

2. Nessa “viagem”, para além da pequena equipa da Direcção, participaram, por via individual e/ou institucional, numerosos colaboradores, militares e civis, quer os autores dos artigos, quer os patrocinadores, a quem se deve respectivamente o conteúdo e a forma da *Revista da Cavalaria*. Bem-hajam por tudo o que nos proporcionaram até à data, com a certeza de que tudo faremos por corresponder às expectativas criadas.

Dessas alargadas e dinâmicas colaborações resultou também um incremento de sócios. Actualmente são cerca de 220, o que fica ainda aquém dos 300 (valor mínimo estimado) para se atingir parte da sustentabilidade financeira. É altura de reiterarmos o apelo à *família cavaleira* para se identificar e associar-se a esta *Pessoa Colectiva e Entidade Equiparada* – ASSOCIAÇÃO

missão, zona de acção e actividades desenvolvidas no teatro de operações da Guiné, é factor relevante na salvaguarda de testemunhos vividos em operações por quem tinha 23 anos de idade e comandava um Pelotão de Reconhecimento orgânico independente.

– “Contributos para uma Unidade-Tipo para Operações de Apoio à Paz”, do Tenente-Coronel de Cavalaria Simões de Melo. A análise de uma missão-tipo para um Agrupamento em Operações de Apoio à Paz é o suporte da sua proposta de organização, aprontamento, projecção, sustentação e extracção de uma Unidade portuguesa orientada para o cumprimento dessa missão. É mais um contributo pertinente e muito interessante legado pelo seu autor.

– “O ERec da BLI em Operações de Apoio à Paz no teatro de operações de Timor-Leste em 2001”, do Capitão de Cavalaria Jorge Ferreira. A enumeração exaustiva de vários acontecimentos, desde os antecedentes, passando pelo aprontamento, até ao cumprimento da missão, é reveladora do orgulho que o Comandante do ERec da BLI sentiu da sua tropa pelo valor do trabalho realizado em Timor-Leste.

– “Unidades Mecanizadas de Cavalaria nas Forças Nacionais Destacadas”, do Capitão de Cavalaria José Loureiro. Da sua experiência de Comandante de Esquadrão de Lanceiros, equipado com meios mecanizados, surge uma mensagem positiva sobre o emprego actual dessa tipologia de viaturas em teatros de operações, embora reconheça que não fosse a mais indicada para actuar no Kosovo, quer pela significativa componente urbana, quer pelos inúmeros itinerários de alcatrão.

– “O Teorias em Angola”, do Sargento-Mor de Cavalaria (Reforma) Fernando Lourenço, que nos transporta até à grandeza humana de quem serviu e não regressou. É um excelente momento para todos nós produzirmos uma reflexão.

Assinalamos com muito agrado as “Palavras do Director da Arma”, Tenente-General Durão Correia, nomeado para o cargo de Director Honorário da Arma de Cavalaria desde 17 de Novembro de 2003.

Na “Linha Editorial” mantém-se o quadro referente à data de publicação dos três próximos números, às datas limites de entrega dos conteúdos e aos temas centrais propostos pela Redacção.

No “Correio do Leitor” saudamos os participantes pela sua iniciativa, demonstrando assim que é possível interagir e, através do “atrito” proporcionado, produzir

“energia” em proveito de todos. Parabéns.

No espaço destinado a artigos de tema livre, publicamos “Carros de Combate na história do RC3”, de Luís Costa. O cuidado extremo, colocado na sua investigação sobre os blindados em Portugal, está bem evidente pela profundidade de informação e rigor aplicados.

Em “Livros/Artigos/Revistas/Sites” acrescentamos os “Filmes”, abrangendo dessa forma outra disciplina que, com certeza, é do agrado de muitos de nós.

Na “Resenha de Actividades das Unidades”, para além das tradicionais, registamos a participação do Esquadrão de Polícia do Exército da Zona Militar dos Açores.

Finalmente, o espaço destinado a alguma informação interna sobre a família cavaleira e relacionada com “Promoções, nomeações e óbitos”. ■

## Linha editorial

Para os próximos números os temas serão:

Nº	Data da Publicação	Data limite de entrega	Tema
3	Julho 2004	31 Maio 2004	Liderança Militar
4	Novembro 2004	31 Setembro 2004	Guerra do Iraque (2003). Apontamentos para o emprego de unidades blindadas em áreas edificadas.
5	Março 2005	31 Janeiro 2005	Reconhecimento & Carros de Combate no século XXI.

Os artigos não deverão ultrapassar as 3500 palavras e, sempre que possível, acompanhados de fotografias, mapas ou outras imagens que o autor entenda convenientes.

Independentemente do tema central, a Revista mantém fixas as seguintes secções:

- Editorial.
- Cartas à Direcção.
- Livros / Artigos / Revistas / Sites.
- Resenha de Actividades de Unidades.

## Correio do leitor



Exm.º Sr. Director da Revista da Cavalaria:

“...E, já agora, e porque na divulgação da Vossa linha editorial os leitores são incentivados a dar opiniões sobre a revista, deixe que aproveite a oportunidade e diga qualquer coisa sobre o que a Revista foi para mim.

Li, com apaixonado interesse o Suplemento à Revista. E, ao ler as propostas da Arma sobre as suas “disciplinas constitutivas”, senti-me a reviver os meus tempos em que pertencia ao activo da Arma, que já abandonei há 25 anos. E achei que o “nosso” General Director da Arma tinha sido de uma coragem bem Cavaleira ao incluir, nos tempos que correm, a Equitação Militar entre os CC, o Rec, a PE e a Aviação do Exército, ainda que com a ressalva de um e ainda.

E tive pena que a Revista não tivesse tido a mesma coragem.

Note que isto não tem nada a ver com o meu artigo. Qualquer artigo sobre a equitação me satisfaria! Só penso que não há acordo entre a directriz indicada no Suplemento pelo Director da Arma e a prática seguida na Revista. Tenha-se a opinião que se tiver sobre a manutenção ou não da equitação militar nas actividades actuais da Arma (e eu tenho a minha, que talvez o surpreendesse se a conhecesse), o que não se pode, segundo eu penso, é mostrar uma divergência tão grande.

Os meus parabéns por ter tido a coragem de aceitar o espinhoso fardo de ressuscitar a Revista da Cavalaria.

Um abraço do “camarada e amigo” e “leitor fiel”,

Netto de Almeida  
COR Cav

*Nota da Redacção: O artigo supracitado pelo Sr Coronel Netto de Almeida não foi recebido por nenhum membro da actual Direcção. Segundo o nosso Coronel, tratava-se de um artigo sobre equitação, ilustrado com fotos referentes ao Campeonato do Mundo (2002), em Gerês da la Frontera (Espanha). Lamentamos o sucedido e mais desapontados ficámos por não o ter encontrado.*

Exm.º Sr. Director da Revista da Cavalaria:

Foi com atenção que li, o artigo do TCOR Simões de Melo (TSM) com o título “Concentração da Componente Operacional do Exército. Uma opinião!” publicado no número 1 da Nossa Revista. O assunto é suficientemente pertinente para ficar indiferente. Antes de mais, uma palavra de muito respeito e consideração pela postura intelectual de TSM ao pôr à consideração da comunidade cavaleira uma tão sensível questão e, com liberdade de espírito, comprometer-se com contributos no sentido de participar na transformação do exército.

Em relação ao seu argumento geral, a concentração da Componente Operacional do Exército com base num modelo conceptual logístico, é que me parece susceptível de alguma crítica. Infelizmente, todas as últimas reorganizações e geração de forças (como é o caso das Forças Nacionais Destacadas) têm sido um compromisso entre as necessidades operacionais e as possibilidades logístico-financeiras reais, sendo estas últimas o factor determinante. Ao defender o seu argumento, TSM, segue esta linha de acção, que no meu entender tem acabado por ser limitador para as unidades.

Em relação às consequências directas para a Arma de Cavalaria, importa reflectir sobre dois pontos:

– “manter unidades com EOp mínimo equivalente a Batalhão”;

– “concentrar as Escolas Práticas por Sistemas Funcionais do Campo de Batalha”.

Com o fim do Serviço Efectivo Normal e a adopção de um sistema baseado no voluntariado, o Exército Português, sofre a mais profunda mudança dos últimos tempos, uma verdadeira Revolução nos Assuntos do Exército. S. Ex.º o GEN CEME identificou o cerne da questão quando na sua Directiva para a Transformação do Exército (Directiva 193/CEME03) escreveu “doravante o Exército deixará de ser, prioritariamente, um corpo gerador de forças que

completariam o sistema de forças permanente, para ser essencialmente uma força operacional, projectável, pronta a ser empenhada, acrescida das estruturas necessárias para garantir o seu apoio”.

Conscientes desta transformação (e dos poucos recursos do Exército) é inevitável, por muito que nos custe, questionar se faz sentido manter unidades de escalão regimento em que o produto operacional é uma unidade de escalão companhia?

Sobre a eventual concentração das Escolas Práticas a questão de base não pode ser de natureza logística mas sim de natureza operacional, ou seja, prospectivando a natureza de conflitos e as operações em que o Exército pode vir a estar empenhado (e já o está no presente), temos que questionar se faz sentido empregar unidades puras de uma só arma. Se assim é, não é desejável que a formação dos quadros seja mantida, na maior parcela de tempo possível, numa perspectiva de armas combinadas? Salvaguardado o património cultural próprio de cada arma, no que tem de mais valia, parece-me que o futuro passará por formas mais acentuadas de formação em armas combinadas.

Concentrar operacionalmente mas com modelos conceptuais de emprego operacional!

Miguel Freire  
MAJ Cav

Exm.º Sr. Director  
da Revista da Cavalaria:

Foi com muito agrado que constatei o reaparecimento, e com vontade própria, desta revista técnica dedicada à Cavalaria.

Aproveito a oportunidade para tecer dois comentários breves relacionados com o artigo “Concentração da Componente Operacional do Exército. – Uma opinião!” da autoria do Sr. Tenente-Coronel Cav Simões de Melo:

1 - Estão patentes na opinião a vontade e a coragem em apresentar uma solução inovadora, fruto de análise fundamentada,

para um novo modelo de implantação do dispositivo territorial do Exército, tendo por base as necessidades economicistas de produtividade e sustentabilidade de uma organização militar.

2 - A evolução tecnológica e as potencialidades dos meios de construção ou de destruição actuais, obrigam a que a Engenharia, para além do apoio de combate e de apoio de serviços que proporciona, seja também incluída como parte no sistema funcional da manobra.

Com o meu apoio e disponibilidade

José Berger  
TCOR Eng

Exm.º Sr. Director da Revista da Cavalaria:

Escrevo a propósito do artigo "Concentração da Componente Operacional do Exército. Uma opinião!", da autoria do Tenente-Coronel Simões de Melo e publicado no nº 1 da nossa Revista agora, e em boa hora, reeditada.

... E o assunto - maior ou menor concentração da componente operacional do Exército - é importante e actual!

... Li com interesse de quase leigo a introdução, repositório resumido mas abrangente de definições que nos transporta de uma noção de cadeia logística comercial ao apoio logístico militar em campanha. Algures mais à frente, pensei, deveria ser abordado o apoio logístico militar em tempo de paz, mas estranhei desde logo a aproximação ao tema que se pretendia tratar. Consideraria o autor ser o actual Sistema de Forças do Exército, e o seu Dispositivo, "logisticamente não apoiáveis"? Segui, cada vez mais curioso, para a leitura do ponto seguinte.

E o ponto seguinte começa, ainda, pela referência a uma cadeia logística comercial. Leio o intróito e passo à frente, atraído pela promessa de abordagem da logística do Exército "quanto à centralização / descentralização". Detenho-me no core-business proposto para o Comando da Logística, e a coisa parece-me pacífica. Sigo para a análise da potencialidade de concentração / centralização das classes de abastecimentos, e também o que aí é escrito parece não desafiar a lógica elementar. Detenho-me, com perplexidade, na afirmação do autor de que considera "...a necessidade de se concentrar em dois Depósitos Gerais a Distribuição das diferentes Classes de Abastecimentos...", mas "...atendendo à reduzida dimensão do Território Nacional e à necessidade de optimização de meios, seria possível e

vantajosa a concentração em um só Depósito". Não sendo um especialista, não contesto a conclusão... qualquer que ela seja. O que não consegui compreender foi a própria conclusão. A existência de dois Depósitos é ou não uma necessidade? Se não, um será certamente apropriado. Se sim, porquê apenas um? Concessão do necessário ao possível? Seriam as conclusões do autor sobre a componente operacional, que tanto me tinham aguçado a curiosidade, o reflexo desta abordagem: a concessão consciente do que se considera necessário ao que se julga ser possível? Ou não? O interesse mantinha-se, continuei a leitura.

Curiosa a tentativa de analogia entre a intenção de concentrar os órgãos da estrutura superior do Exército e as intenções conhecidas para o restante dispositivo territorial. Afirma-se no artigo estarmos perante visões aparentemente diferentes para cada um dos casos. Também penso que sim. Mas penso também que talvez seja assim porque os dois casos não são, à partida, comparáveis. Mantenho a abertura de espírito e continuo a leitura, na esperança de perceber a que "dispositivo territorial" se refere o autor. Leio atento a afirmação de que não se considera viável "a construção de três Campos Militares para albergarem as três Brigadas existentes...", bem com as outras Unidades do Sistema de Forças Nacional (Exército)". Concorde e vou mais longe! Não é provavelmente viável e não é, sobretudo, aconselhável. Concentrar as Brigadas porquê? E para quê? Não é já sabido que concentrar quase inviabiliza a necessária adesão ao Regime de Contrato? Necessidade de instrução e treino operacional? Não creio. Continuo e rejubilo com a afirmação de que "a concentração de U/E/O do Exército não se pode basear única e exclusivamente em critérios de ordem economicista". Concentro-me agora nos pressupostos levantados. "Manter Unidades com índice e potencial mais elevado de adesão ao Regime de Contrato": concordo! Detenho-me no pressuposto de "Unidades com uma só dependência (implica a extinção das Regiões Militares e do Governo Militar de Lisboa)": porquê? Porque não a manutenção das Regiões (e do GML) e a extinção dos Órgãos Centrais de Administração e Direcção (Comandos Funcionais)? E o regresso do Estado-Maior de Coordenador a Director? "Concentrar o Ensino Superior do Exército (AM, IAEM, ESPE): discordo! Deter-me-ei, a partir de agora, apenas nos pressupostos directamente relacionados com a Arma.

Detenho-me, então, no Esquadrão de Cavalaria do Ar (ou de Aviação Ligeira). Mania minha, esta de considerar a Aviação do Exército como doutrinarmente pertencente à Arma de Cavalaria. Enquanto

o Regulamento de Operações me der razão, a "mania" permanece. Porque passa a oficialmente designada Aviação do Exército do escalão Grupo a Esquadrão? Que missões permanecem e que outras são dispensadas? Sem dados para maior reflexão, deixa-se a dúvida e manifesta-se a estranheza. Detenho-me ainda, agora "assustado", no pressuposto de "retirar a valência ERec à BAI". Porquê amputar a uma Brigada uma das suas valências de manobra? O que substitui a força de reconhecimento terrestre que se propõe retirar? Se nada, que doutrina e organização se tomam como referência?

Chegado ao fim dos pressupostos, início das conclusões, fecho o ciclo da leitura sem compreender porque se extingue a Escola Prática, mesmo que por concentração, e porque se extingue o RC 4. Do RC 3, penso ter deduzido acertadamente, propor-se-á a extinção porque extinto seria o ERec da BAI, aí aquartelado. Em relação à Escola Prática, discordo! E ao RC 4, também! Mas vamos por partes. Sou dos que pensam que em Portugal (e é de Portugal e dos portugueses que se trata) a força do todo é o somatório da força das partes. Somos um povo de pequenos clubes, de minifúndio. As fusões resultam mal. Normalmente, os maiores engolem os mais pequenos. O resultado final é, disso temos vários exemplos, francamente inferior ao somatório das partes. Mas não sou insensível às razões de eficiência ou, dito de outro modo, de eficácia com economia. Estou em crer que, no caso das Escolas Práticas, a economia se consegue optimizando as suas capacidades de instrução. Porquê manter um Centro Nacional de Instrução para instruir um quantitativo de Praças tão reduzido, findo o Serviço Efectivo Normal, mesmo pelos parâmetros actuais? Porque não incorporá-las directamente nas respectivas Escolas Práticas? Porque não implementar o sistema, já definido e testado, da instrução modular a Praças, Sargentos e Oficiais destinados ao Regime de Contrato? É talvez possível, ainda no caso das Escolas Práticas, uma solução intermédia entre a concentração e a descentralização: a co-localização. Na prática, a possibilidade física de partilhar apoios sem a criação de uma estrutura unificada. Porque as estruturas unificadas descaracterizariam os "berços das Armas e Serviços" e acarretariam a prazo, estou disso convicto, a diminuição da eficácia do sistema.

E agora o RC 4... o meu Regimento. Uma análise simples ao proposto para a BMI permite concluir que optou o autor pela "uniformização da Brigada". Propõe-se uma Brigada "pura" concentrada, encargo do Campo Militar como estrutura territorial. Penso que deve ser assim... mas ao contrário. Proporia a criação, a par do

RC 4, de um Regimento de Infantaria Mecanizada e outro de Artilharia. Justificação? Tendo servido alguns anos no Grupo de Carros de Combate, em época (de boa memória) de intensa actividade operacional, o Regimento sempre constituiu para nós, "operacionais" do GCC e ERec, uma enorme mais-valia pela assunção das tarefas administrativo-logísticas e de instrução que nos permitia uma total concentração no nosso core-business, o treino operacional. Era visível a "inveja" dos Infantes e Artilheiros - e como nós os compreendíamos! -, pela "eficácia" da nossa organização.

... Organizações como o Exército dão-se mal com revoluções, organizacionais ou outras quaisquer, evoluindo numa continuidade que deve respeitar princípios enraizados e conscientemente aceites. Talvez seja esse o problema. Discutam-se, se quiserem, os princípios. Uma vez estes claramente identificados, as soluções serão sempre lógicas e de fácil dedução.

José Braga  
TCOR Cav

Exm.º Sr. Director da Revista da Cavalaria:

(...) Julgo no entanto oportuno expressar algumas ideias que permitam levantar um núcleo sólido e não um conjunto de boas intenções, de consistência efémera, ligadas ao entusiasmo de meia dúzia de Oficiais que desgastados pela falta de apoio venham a desistir dos seus intentos.

Tendo em consideração que estamos em época de racionalização de meios humanos e materiais no Exército no sentido duma redução e nunca de uma expansão, parece-me ser tempo de concentrarmos esforços e nesse sentido dado que já temos:

- uma publicação orientada para a política e estratégia, como é a "Nação e Defesa";

- a "Revista Militar" orientada para a tática e técnica, fundada por um grupo de jovens Oficiais que incluíam elementos de Cavalaria e que julgo ser "apenas" a mais antiga do mundo;

- o "Jornal do Exército" especialmente vocacionado para as notícias da actualidade do ramo;

- um crescente número de publicações das UUEEOO, que a meu ver já se encontram a mais por se sobrepor a este último;

parece-me que o caminho a seguir seria o de garantirmos um artigo de índole técnico-tático na Revista Militar (em todos os números ou com uma periodicidade a

definir), numa colaboração permanente a estabelecer que poderíamos designar pela "cavalaria em revista", e em moldes similares mas abordando as actualidades da Arma duas a quatro páginas no Jornal do Exército. Toda esta colaboração seria coordenada pela Associação agora criada que para além desta tarefa se assumiria como um "clube da Cavalaria", aberto a todos os que serviram na Arma durante um tempo mínimo a definir, dando reposta nomeadamente aos actuais membros da Associação de Oficiais de Lanceiros (muito restritiva e que na minha opinião seria integrada neste), alguns dos quais apesar de não serem do Quadro Permanente mantêm uma estreita ligação à Arma, como atesta a sua presença na cerimónia da criação da "Associação Revista da Cavalaria".

Ciente que não sou "dono da verdade" não podia no entanto deixar de colocar este desafio à discussão de todos os Cavaleiros. Com amizade,

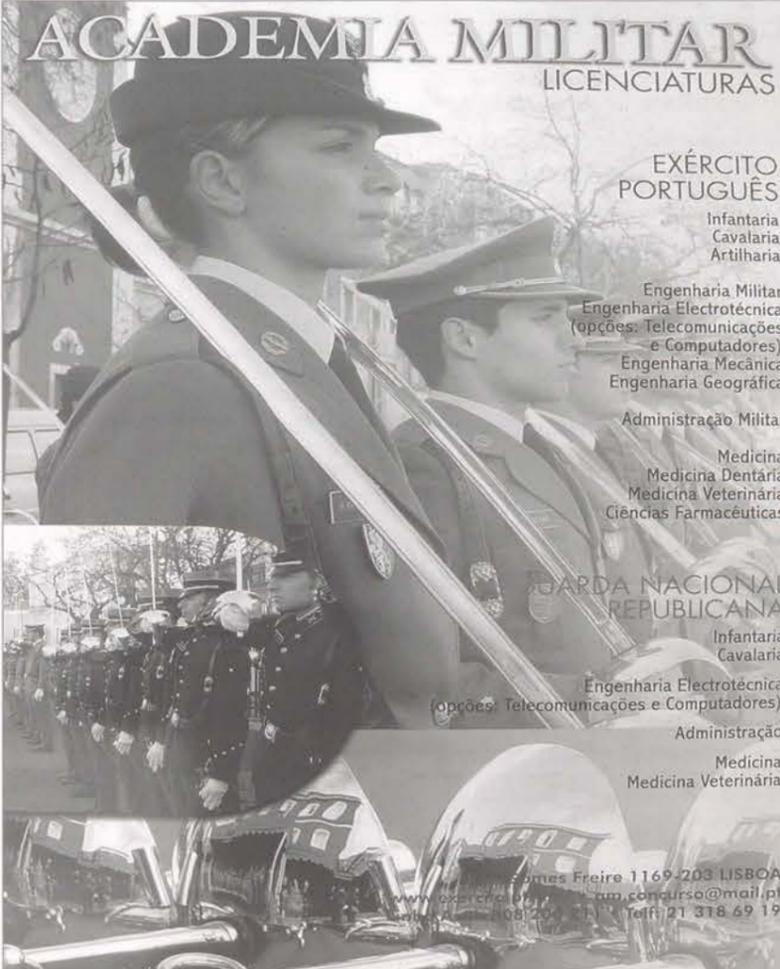
Velasco Martins  
TGEN

Ainda que toda a Revista esteja aberta à participação dos leitores, entendeu por bem a Direcção reservar um espaço próprio para a correspondência do Leitor.\*

À semelhança do que acontece com quase todas as publicações periódicas, pretende-se que neste espaço se dê continuidade às reflexões originadas pelos artigos, na forma de um debate franco e construtivo entre Cavaleiros. Pode ser também o espaço para uma ideia ou projecto que não justificando o espaço de um artigo, justifica o esforço da sua divulgação, ou ainda - porque não - o espaço para a crítica construtiva ao trabalho da Revista da Cavalaria. A correspondência deverá ser endereçada para:

Revista da Cavalaria  
Regimento de Lanceiros 2  
Calçada da Ajuda  
1379-054 LISBOA

\* Por razões de espaço, houve necessidade de suprimir algum texto da correspondência dos vários leitores.



**ACADEMIA MILITAR**  
LICENCIATURAS

**EXÉRCITO PORTUGUÊS**

- Infantaria
- Cavalaria
- Artilharia

Engenharia Militar  
Engenharia Electrotécnica (opções: Telecomunicações e Computadores)  
Engenharia Mecânica  
Engenharia Geográfica

Administração Militar

- Medicina
- Medicina Dentária
- Medicina Veterinária
- Ciências Farmacéuticas

**GUARDA NACIONAL REPUBLICANA**

- Infantaria
- Cavalaria

Engenharia Electrotécnica (opções: Telecomunicações e Computadores)

Administração

- Medicina
- Medicina Veterinária

João Freire 1169-203 LISBOA  
www.exercito.pt | am.concurso@mail.pt  
Tel: 21 318 69 19

# Contributos para uma unidade/tipo para operações de apoio à paz

"The Army Vision consists of three interdependent elements: people, readiness and transformation. (...) Transformation, a process, defines how we change the way we think and fight in order to develop the capabilities required in the 21st century."

Army Vision

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo, apoiado numa missão genérica de um Agrupamento em Operações de Apoio à Paz (OAP), tem como finalidade apresentar contributos para a organização, aprontamento, projecção, sustentação e extracção de uma Unidade a ser empregue num desses Teatros de Operações (TO).

No ponto seguinte, apoiado na experiência adquirida no TO do Kosovo, tenciono apresentar um cenário de utilização das Forças Terrestres e uma Unidade - tipo para o emprego em OAP.

No final tecerei alguns considerandos sobre as consequências da eventual aplicação na prática deste contributo (meramente) teórico.

TCOR CAV SIMÕES DE MELO  
Director de Curso de Cavalaria na  
Academia Militar.

## 2. CENÁRIO DE ACTUAÇÃO – OPERAÇÕES DE APOIO À PAZ

### a. Análise de uma missão-tipo

Para abordar o emprego de forças terrestres em OAP poderia trilhar diversos caminhos. Optei por analisar uma missão-tipo, apoiado na experiência na KFOR<sup>2</sup>, para, a partir daí, definir uma Unidade orientada para o cumprimento dessa missão, o seu aprontamento, projecção, sustentação e extracção.

A missão-tipo de uma Unidade em Operações de Apoio à Paz é:

- Manter o ambiente de segurança;
- Monitorizar e impor o cumprimento dos acordos ratificados;
- Garantir a liberdade de movimentos;
- Controlar povoações;
- Garantir a segurança de locais de carácter religioso, cultural ou político;
- Apoiar a missão civil da ONU;
- Estabelecer e manter a ligação com as autoridades locais;
- Cooperar com as Organizações Internacionais (OI) e Organizações Não Governamentais (ONG);
- À ordem atacar ou defender para garantir a própria segurança.

Pode-se, então, deduzir o seguinte:

- "Manter o ambiente de segurança", implica a realização das tarefas incluídas nas missões habituais de Reconhecimento e de Manutenção da Disciplina, Lei e Ordem;
- "Monitorizar e impor o cumprimento dos acordos ratificados", implica a realização de tarefas incluídas nas missões anteriores e nas missões de Vigilância;
- "Garantir a liberdade de movimentos", implica o cumprimento de tarefas habituais nas missões de Reconhecimento e de Fiscalização da Circulação;
- "Controlar povoações", implica a realização de tarefas das missões anteriores bem como, eventualmente, de combate em áreas urbanas;
- "Garantir a segurança de locais de carácter religioso, cultural ou político", implica a realização de tarefas relacionadas com a missão de Segurança Física e a de Defesa de Pontos e Áreas Sensíveis;
- As três tarefas seguintes, "Apoiar a missão civil da ONU; Estabelecer e manter a ligação com as autoridades locais; Cooperar com as OI e ONG", não se inserem em qualquer missão tradicional das Forças Armadas, mas podem-se incluir nas missões de Cooperação Civil-Militar (CIMIC);

- A última (ou últimas) tarefas prendem-se com a eventual necessidade de se executarem operações ofensivas e/ou defensivas por forma a poder garantir-se a segurança da própria Unidade.

Estando incluídas, nas missões típicas das Forças Terrestres, as tarefas da missão-tipo de uma Unidade em Operações de Apoio à Paz. Cabe agora fazer a ligação entre essas tarefas e as subunidades capazes de as cumprirem.

Veja-se então:

- Reconhecimento e Vigilância – Subunidade de Manobra (Reconhecimento);
- Manutenção da disciplina, lei e ordem, Fiscalização de Circulação e Segurança Física – Polícia do Exército (ou GNR);
- Defesa de Pontos e Áreas Sensíveis, Guerra Urbana, Atacar e Defender – Subunidade de Manobra (Atiradores e Carros de Combate);
- CIMIC – enquanto não existir qualquer unidade com essa valência, podemos considerar uma subunidade de Engenharia e Células de Informações, com uma componente de Operações Psicológicas.

Para que uma Unidade de escalação Batalhão possa sobreviver num Teatro de Operações necessita, também, de elementos dos seguintes sistemas funcionais:

- Comando, Controlo e Comunicações;
- Apoio de Combate e
- Apoio de Serviços.

### b. Estrutura orgânica e efectivos deste Agrupamento

Analisada a missão e tendo subdividido por diversas subunidades as tarefas respectivas, irei agora apre-

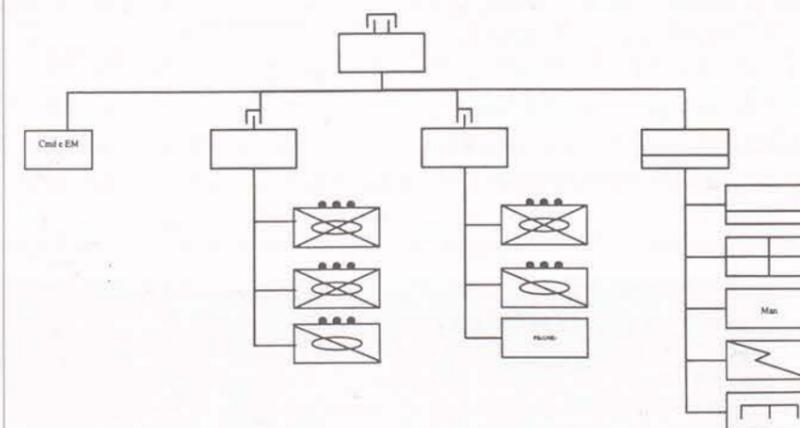
sentar uma estrutura orgânica (e efectivos) possível deste hipotético Agrupamento.

Assumindo o carácter modular e extremamente flexível, materializado na estrutura das subunidades de manobra e, sobretudo, na subunidade de apoio, também o material que equipa esta Unidade deverá espelhar essa característica.

Como se verifica na figura seguinte, as subunidades de manobra ficam libertas de qualquer respon-

sabilidade logística, cabendo ao Agrupamento proporcionar, como um todo, essa valência através da subunidade de apoio.

É propositada a ausência de Secção de Manutenção, Reabastecimento ou Sanitária nas subunidades de manobra, cabendo aos seus Comandantes a execução do planeamento táctico, efectuado no Estado-maior do Agrupamento, estando aqueles libertos de responsabilidades logísticas (ver Figura nº 1).



Estrutura	Constituição	Oficiais	Sargentos	Praças	Total
Cmd	Cmdt	1	-	-	1
	Condutor	-	-	1	1
	2Cmdt	1	-	-	1
	Condutor	-	-	1	1
	AdjCmd	-	1	-	1
	<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>5</b>
EM	S1	2 <sup>3</sup>	1	3	5
	S2	1	1	1	3
	S3	2	1	2	5
	S4	2	3	5	10
	CIMIC	2 <sup>4</sup>	2	4	8 <sup>5</sup>
	AdjFin	1	1	1	3
	OfLig	1	-	1	2
	<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>9</b>	<b>17</b>	<b>37</b>
SubAgrManobra	Cmd	1	2	2	5
	PelAtMec	1	4	24	29
	PelAtMec	1	4	24	29
	PelRec	1	3	38	42
	<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>13</b>	<b>88</b>	<b>105</b>
SubAgrManobra	Cmd	1	2	2	5
	PelAtMec	1	4	24	29
	PelRec	1	3	38	42
	PelPE (GNR)	1	4	24	29
	<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>13</b>	<b>88</b>	<b>105</b>
SubUnApoio	Cmd	1	2	2	5
	PelReabTransp	1	6	26	33
	PelSan	1	5	10	16
	PelMan	1	8	16	25
	PelTm	1	3	10	14
	PelEng	1	5	22	28
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>29</b>	<b>86</b>	<b>121</b>	
<b>TOTAL</b>		<b>27</b>	<b>65</b>	<b>281</b>	<b>373</b>

Figura nº 1 – Estrutura orgânica e efectivos do Agrupamento.



Agiliza-se o sistema fazendo-se uso das tecnologias de informação e comunicação e acelerando o fluxo de materiais, evitando-se grandes stocks no TO. É necessária estreita coordenação com a Força Aérea, por lhe caber a execução de voos de sustentação. Contudo, não é de desprezar a utilização de meios terrestres e/ou marítimos para, por exemplo, substituição de equipamentos colectivos completos (viaturas blindadas, entre outros).

Ainda quanto a este terceiro pilar, considera-se a necessidade de ser centralizada em uma única célula no Território Nacional o fluxo informacional enviado do TO, com as prioridades estabelecidas pelo Comandante do Agrupamento, cabendo-lhe a rápida difusão pelas U/E/O executantes do Apoio.

Relativamente à extracção, considera-se que deveria processar-se de uma forma semelhante à projecção, com uma calendarização idêntica, dependente de ser ou não a última Força Nacional destacada nesse TO.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

Um Agrupamento deste tipo seria, então, constituído por:

- 1 núcleo de Comando e Estado-maior;
- 3 subunidades do tipo Pelotão de Atiradores;
- 2 subunidades do tipo Pelotão de Reconhecimento;
- 1 subunidade do tipo Pelotão de Polícia do Exército (ou GNR) e
- 1 módulo de:
  - Reabastecimento e transporte;
  - Saúde;
  - Manutenção;



Transferência de Autoridade entre o Agr Charlie/BLI/KFOR e o Agr DELTA/BMI/KFOR, em Agosto de 2000, na povoação de Klina no Kosovo.

- Transmissões e
- Engenharia (com valências de Sapadores, Construções e NBQ).

O emprego de uma Unidade implica a capacidade de existirem três semelhantes, distribuídas da seguinte forma:

- Uma no Teatro de Operações;
- Uma em Aprontamento e
- Uma em gozo de licença e em Instrução.

Da leitura do Conceito Estratégico de Defesa Nacional, conclui-se que Portugal poderá empenhar Forças no quadro das Nações Unidas, da Organização do Atlântico Norte (NATO) e da União Europeia (UE)<sup>7</sup>.

Atendendo ao historial dessas operações, as Forças no quadro da UE foram empenhadas para substituição das Forças da NATO. Assim, é consensual afirmar-se que Portugal poderá ter de actuar em dois TO em simultâneo (ONU e NATO/UE), e excepcionalmente, por curto espaço de tempo, em

Subunidade	Oficiais	Sargentos	Praças	Total
Cmd	8	4	8	20
EM	44	36	68	148
SubAgrManobra	16	52	352	420
SubAgrManobra	16	52	352	420
SubUnApoio	24	116	344	484
<b>TOTAL</b>	<b>108</b>	<b>260</b>	<b>1124</b>	<b>1492</b>

Tabela nº 1 – Efectivos empenhados.

três TO.

Pelo referido, e para dois TO, conclui-se haver a necessidade de existência do seguinte:

- 2 núcleos de Comando e Estado-maior;
- 6 subunidades do tipo Pelotão de Atiradores;
- 4 subunidades do tipo Pelotão de Reconhecimento;
- 2 subunidades do tipo Pelotão de Polícia do Exército (ou GNR) e
- 2 subunidades de:
  - Reabastecimento e transporte;
  - Saúde;
  - Manutenção;
  - Transmissões e
  - Engenharia (com valências de Sapadores, Construção e NBQ).

Conclui-se, também, haver a necessidade de existir em Aprontamento o efectivo das Subunidades referidas anteriormente, implicando que, num mesmo período, existam os efectivos no TO e os mesmos efectivos em aprontamento.

Ter-se-ia, desta forma, o seguinte efectivo empenhado (Tabela nº 1):

Acrescentam-se ainda os seguintes efectivos que estariam em Instrução e Licença (Tabela nº 2).

Globalmente, para o emprego em Operações de Apoio à Paz, seriam necessários os seguintes efectivos (Tabela nº 3).

É chegada a altura de se retirarem algumas conclusões.

Em primeiro lugar, constata-se que se podem inferir alguns cenários de emprego das Forças Terrestres que vão para além do emprego em Operações de Guerra Convencional, podendo mesmo acrescentar-se que cenários deste tipo se revelam como muito pouco prováveis.

Em segundo lugar, de entre os cenários mais prováveis de emprego, destacam-se as Operações de Apoio à Paz no quadro das intervenções da ONU, NATO e UE.

No que concerne a estas operações, foram feitas algumas considerações neste artigo que, de uma forma reduzida, se podem traduzir no seguinte:

- Utilização da Unidade Base em dois TO (ONU e NATO/UE) e, excepcionalmente, por períodos curtos, em 3 TO<sup>8</sup>;
- A Unidade Base de projecção seria do tipo Agrupamento que conteria na sua orgânica um núcleo de Comando e EM, duas Subunidades de Manobra e uma Subunidade de Apoio;
- Às Subunidades de Manobra seria retirada qualquer responsabilidade logística;
- Por forma a conferir flexibilidade seria feita a redistribuição dos meios logo no aprontamento, não existindo subunidades “puras”;
- O Aprontamento teria a duração

aproximada de 24 semanas, onde se partiria da preparação física, psicológica, técnica e tática do indivíduo até à preparação da Unidade como um todo;

- A Sustentação ficaria dependente da Nação Hospedeira, da GU à qual o Agrupamento viesse a ser atribuído e ao Sistema Logístico Nacional e
- A Projecção e a Extracção deveriam ser sujeitas a planos próprios.

Este meu ponto de vista assenta numa retrospectiva da actuação do Agrupamento Charlie/BLI/KFOR, tentando espelhar algumas lições (por mim) retiradas dessa missão. Contudo, a situação operacional está em mutação constante e pode já apontar para outro caminho, em tudo diferente do que aqui apresento... como diria Heraclito:

*“Nada perdura senão a mudança!”*

TOTAL	Oficiais	Sargentos	Praças	Total
	54	130	562	746

Tabela nº 2 – Efectivos em Instrução e Licença.

TOTAL	Oficiais	Sargentos	Praças	Total
	162	390	1686	2238

Tabela nº 3 – Efectivos necessários.



Parque de viaturas do ERec/Agr CHARLIE/BLI/KFOR no Kosovo.

<sup>1</sup> Este artigo é uma adaptação da apresentação do autor efectuada na Academia Militar (Mato de 2003) no Seminário “Portugal e a Transformação na Segurança e Defesa”.

<sup>2</sup> Missão da NATO no TO do Kosovo, onde Portugal participou com três Agrupamentos, dois Comandados por Oficiais de Cavalaria (TCOR Calçada e TCOR Banazol) e um Comandado por Oficial de Infantaria (TCOR Teixeira) e sendo seu 2º Cmdt um Oficial de Cavalaria.

<sup>3</sup> Inclui o Capelão.

<sup>4</sup> Inclui o *Legal Advisor*.

<sup>5</sup> Inclui elementos de Operações Psicológicas.

<sup>6</sup> Para que o apoio logístico possa fluir com celeridade torna-se necessário agilizar o sistema de apoio logístico.

<sup>7</sup> A Directiva para a Transformação do Exército do Exmo General CEME aponta para o emprego eventual de três Unidades de Escalão Batalhão em três TO diferentes ou de uma Brigada em um só TO.

<sup>8</sup> A utilização de três UEB em três TO diferentes, pela Directiva de Transformação do Exército, é uma das hipóteses do emprego da Força.

# Unidades Mecanizadas de Cavalaria nas forças nacionais destacadas

## INTRODUÇÃO

Ao ser confrontado com a ideia de escrever um artigo para a Revista da Cavalaria, sobre a participação do Esquadrão de Lanceiros (ELan) no Kosovo, pensei que seria uma tarefa algo arriscada. Primeiro, porque já o fiz<sup>1</sup> logo após ter regressado da missão e depois, porque o universo de leitores que lê a nossa revista é bastante conhecedor do tema em análise, o que vai exigir de mim, uma retórica o mais esclarecida e acertiva possíveis, de modo a manter o “ímpeto” da leitura até ao fim. Não é assim minha intenção, voltar a abordar as semelhanças dos procedimentos operacionais adoptados no Kosovo, com os tradicionalmente conduzidos por forças da Polícia do Exército. Mas tal como o desafio feito, vou procurar incidir as minhas reflexões no facto de o ELan ter uma orgânica à base de viaturas mecanizadas M113 A1.

Há distância de quatro anos do nosso regresso, não tenho qualquer dúvida em afirmar que tudo correu bem, porque nós, os portugueses somos efectivamente muito empenhados e dedicados quando é pre-

ciso, também não posso deixar de transmitir os sentimentos antagónicos de raiva e alegria, quando a pouco mais de um mês de embarcar recebi a notícia que o meu Esquadrão não iria equipado com Viaturas Ligeiras de rodas, mas com M113. Raiva, porque todo o treino operacional estava assente nesse pressuposto; e alegria, porque as imagens que nos chegavam do Kosovo e toda a informação disponível nos alertavam para riscos imensos, que ficavam assim do outro lado da blindagem dos M113.

Para que as minhas memórias não me deixem fugir do tema proposto, vou começar por abordar a parte da instrução feita inicialmente no Regimento de Lanceiros N°2 (RL2) e posteriormente no CTAT/BAI. Penso ser importante abordar alguns pormenores da viagem feita até Klina. Falarei do emprego operacional dos meios disponíveis, bem como das exigências de Manutenção em operações. Terminarei com algumas conclusões.

## INSTRUÇÃO

A Instrução do ELan começou logo no RL2, assim que o Esquadrão foi nomeado. Contudo, foi no CTAT/BAI, já integrado no Agrupamento BRAVO (Agr B), que os

objectivos de instrução para todo o Agrupamento foram definidos. Ao ELan, como subunidade de manobra, tal como o Esquadrão de Reconhecimento (ERec), coube-lhe a tarefa de atingir níveis de instrução diferenciados. Numa primeira fase, apurar e nivelar a Técnica Individual do Combatente e posteriormente aperfeiçoar a Instrução Colectiva de Esquadra, Secção, Pelotão e Esquadrão.

Podemos dizer que o Aprontamento do Agrupamento ficou comprometido pela quase inexistência de meios, que permitissem efectuar uma preparação adequada. Não só pelo facto de sermos o primeiro Agrupamento a ser enviado, mas também e principalmente pelo facto do risco táctico ser grande e exigir de todos um conhecimento perfeito dos meios disponíveis. Mas como imaginam, não me compete a mim, fazer juízos de valor so-



Patrulhamento em Klina.

bre esta ou aquela decisão. Realço de todos os episódios vividos à volta dos meios e da falta deles, a postura firme e constante do Comandante do Agrupamento, Sr. TCOR Cav Calçada, que se bateu como um BRAVO para que todo o material estivesse no navio no dia do embarque, algures no Porto de Setúbal.

O ELan, inicialmente era um Esquadrão de Cavalaria, equipado com viaturas ligeiras, tendo inclusive recebido para a sua Instrução Colectiva cinco Viaturas Ligeiras ¼ Ton UMM do RI 19, o que permitiu efectuarmos alguma instrução colectiva, bem como o exercício de Esquadrão nas instalações do Centro de Instrução e Treino de Operações de Apoio à Paz (CITOAP). Entretanto, foi superiormente decidido que o ELan seria mecanizado e equipado com viaturas M113 A1. Até aqui tudo bem, só faltavam mesmo eram as viaturas. A tarefa não foi propriamente fácil, pois quem conhece as engrenagens do nosso Exército sabe que as mesmas, por vezes, carecem de alguma lubrificação. Não obstante, numa semana transformámos Soldados PE em verdadeiros mecanizados, fruto não só da sua sólida formação militar, mas também do verdadeiro espírito de missão em que o BRAVO estava mergulhado. Foi neste contexto que fizemos o exercício de Agrupamento, também nas instalações do CITOAP, agora já com parte das viaturas M113 destinadas ao ELan. Este exercício foi muito importante, pois permitiu não só apercebermo-nos do potencial de combate que agora possuíamos, mas também das exigências de Manutenção. Este facto obrigou inclusive a alteração do Quadro Orgânico (QO), de modo a que o ELan passasse a ter nos seus quadros uma Praça Mecânica de Lagartas.

## DE LISBOA A KLINA

Uma vez que as viaturas M113 que o ELan estava a receber - tinham as mais diversas proveniências e condições de operacionalidade, a recepção das mesmas foi um pouco mais trabalhosa do que o inicialmente previsto. Mais uma vez, também aqui, parece-me que não se justifica referir pormenores menos abonatórios para algumas entidades, mas se disser que algumas viaturas foram entregues dois ou três dias antes do embarque, já estarei a transmitir um pouco daquilo que se passou.



De regresso do Mosteiro de Budisovci.

Bem, com maiores ou menores dificuldades, lá conseguimos embarcar todas as viaturas que organicamente nos pertenciam. Num estado de manutenção “verde”, “amarelo” ou “vermelho”, naquele momento já não interessava, o importante é que já iam a caminho. Apesar de não ter tido o privilégio de viajar de navio até à Grécia, a viagem correu muito bem até ao seu destino, o Porto de Salónica.

O navio saiu a 28 de Julho e o grosso do Agr B embarcou num avião comercial a 04 de Agosto com a finalidade de chegar a Salónica no mesmo dia. Aí surgiu o imprevisto de não haver transporte disponível

para as viaturas de lagartas, o que obrigou a que o Agrupamento se guesse para o Kosovo, ficando o ELan em Salónica a aguardar que fossem disponibilizados meios para fazer o transporte até ao Kosovo. Juntamente com a tarefa de fazer o transporte das viaturas, ficámos com a missão de levar uma coluna de porta-contentores que continha todo o material do Agrupamento. Para que a coluna não fosse muito grande, foi dividida em duas, uma com todas as viaturas do ELan e outra com os porta-contentores, comandada pelo meu Oficial Adjunto. O conjunto de peripécias pelas

quais passámos durante aqueles dois dias de viagem, davam para mais um capítulo, razão pela qual vou apenas mencionar uma situação que nos atrasou consideravelmente no nosso trajecto. Aquando da travessia da Macedónia, deparámo-nos com uma portagem na auto-estrada. Decidi então levar a coluna para a cabine mais à direita e explicar a situação, ao que me foi exigida uma quantia brutal por cada viatura. Após alguma argumentação e contra-argumentação com o responsável pela portagem, ao bom estilo cavaleiro, mandei pôr tudo na conta da KFOR, pois alguém, que não eu, iria pagar. Convencido, o indivi-

duo mandou-nos seguir rumo ao Kosovo, onde chegámos no dia seguinte com a temperatura perto de 40º centígrados.

## MISSÕES OPERACIONAIS

As missões operacionais que tivemos oportunidade de desempenhar foram várias, mas aquelas cujo emprego de viaturas mecanizadas era o mais apropriado foram: as missões de Segurança a Pontos Importantes, Postos de Controlo (ou Check-Point), Operações de Cerco e Busca e Controlo de Tumultos.

O Agrupamento tinha como missão garantir a segurança a um Mosteiro ortodoxo que se encontrava dentro da nossa Área de Responsabilidade (AOR). Quando o ELan cumpria essa tarefa, empenhava um Pelotão para o efeito. O que na prática queria dizer, cinco viaturas mecanizadas dispostas em perímetro, com campos de tiro sobrepostos de modo a minimizar o risco de ataque e/ou destruição daquele monumento, que há data albergava um conjunto de freiras sérvias.

Os CP eram uma tarefa desempenhada inúmeras vezes ao dia. Fosse planeados ou inopinados, a preocupação que havia relativamente às viaturas de lagartas, era o facto de não lhes ser atribuído um itinerário de alcatrão muito extenso para patrulhar, pois o desgaste já era grande, mesmo em trajectos mais curtos. Contudo, era inegavelmente mais dissuasor um CP com viaturas de lagartas, do que com viaturas de rodas.

As Operações de Cerco e Busca traduziam-se normalmente numa acção planeada e conduzida por uma força de escalão nunca inferior a um Pelotão, o que permitia assegurar a segurança afastada, a segurança pró-



Numa Operação de Cerco e Busca.

xima e por fim a condução da própria busca ao local suspeito. A participação dos meios mecanizados consistia essencialmente em garantir a segurança afastada, bem como da segurança próxima nalgumas operações. O seu potencial era suficientemente intimidatório para que qualquer esboço de resistência caísse por terra.

Relativamente ao Controlo de Tumultos, fomos efectivamente confrontados com algumas situa-

ções de agitação social. No entanto, o ruído do motor do M113, associado ao barulho das lagartas a fazer tracção em cima do alcatrão, provocava algum constrangimento nos principais agitadores locais.

A juntar ao impacto que uma viatura mecanizada como o M113 tem, tivemos ainda a oportunidade de utilizar, durante cerca de dois meses, Carros de Combate Leopard II, no cumprimento das nossas missões. Isto, em virtude de o Batalhão São Marcos, italiano, aquartelado junto a nós, ter recebido uma AOR a cerca de 100 Km de distância, factor limitativo para o emprego do seu Esquadrão de Leopard II. Foi assim, superiormente decidido que o Esquadrão de Carros de Combate Leopard II ficaria sob Controlo Tático (TACON) do Agr B. O Co-

mandante do BRAVO decidiu, e bem por sua vez, que este Esquadrão ficaria sob TACON do ELan. O resultado foi um acréscimo no potencial de combate, que nos permitiu: por um lado cumprir mais missões; e por outro, ser mais persuasivo em determinadas circunstâncias.

## MANUTENÇÃO

Tal como em qualquer unidade de Cavalaria, a Manutenção de todas as viaturas era levada muito a sério. O Agrupamento tinha um Oficial de Manutenção que supervisionava toda a Manutenção de Unidade. Quanto ao ELan, tinha uma super Secção de Manutenção que manteve um elevado nível de operacionalidade das viaturas durante toda a missão. Apesar de ser a SecMan com menos pessoal, era a que tinha um empenhamento maior, fruto principalmente do permanente desgaste das viaturas M113, que eram usadas diariamente. O ELan cumpria a Manutenção Programada, que era supervisionada pelo Oficial Adjunto. Além disso, os Comandantes de Pelotão garantiam que as respectivas guarnições efectuavam a Manutenção Preventiva e de cinco em cinco dias era feita uma revista às viaturas por parte do comando do Esquadrão, que permitia não só avaliar o zelo com que eram operadas pelos seus utentes, mas também verificar o seu nível operacional.



Patrulhamento na AOR.

É de referir nesta fase, o bom relacionamento que se manteve com o Batalhão de Apoio de Serviços da Brigada italiana, que foi vital, nomeadamente no fornecimento de trilhos e outros sobresselentes. O Agrupamento tinha ainda um Volante de Prontidão Operacional de duas viaturas M113, tendo uma delas sido utilizada uma vez.

Penso ser oportuno dizer que nós, os cavaleiros temos o uso e o costume de atribuir à Manutenção uma importância que outras armas consideram secundário. Não tenho dúvida que o facto do Agrupamento ser constituído por Esquadrões de Cavalaria, foi decisivo para que se conseguisse manter o elevado nível de operacionalidade das viaturas do Agrupamento.

## CONCLUSÕES

O cenário de pós-guerra que fomos encontrar caracterizava-se por ser uma sociedade desorganizada e bastante anárquica. Ambiente propício ao acontecimento de situações de intranquilidade social. Para este cenário, parece-me ajustado que a força a enviar tivesse capacidade de se fazer respeitar e fazer cumprir os acordos assinados<sup>2</sup>.

Para o efeito considero perfeitamente razoável o envio de viaturas mecanizadas, pois não só garantem a capacidade dissuasora necessária, como também oferecem a segurança física aos nossos militares, permitindo-lhes cumprir as suas tarefas com menor risco.

Penso no entanto, que as viaturas de lagartas não são de todo as indicadas para cenários como o Kosovo, em que as AOR têm uma componente urbana bastante significativa, bem como o facto de os itinerários serem essencialmente de



O contacto com a população.

alcatrão, factor altamente limitador para o emprego de viaturas de lagartas. Estas limitações do ponto de vista técnico, podem ser a velocidade máxima, a tracção, ou a visibilidade do condutor, ou ainda, os danos provocados no alcatrão podem proporcionar o pedido de elevadas indemnizações.

As forças mecanizadas nomeadas a integrar Forças Nacionais Destacadas devem ter um treino adequado para saberem operar em ambiente urbano, bem como inter-operar com outras unidades com as quais doutrinariamente não manobram.

A Manutenção de viaturas mecanizadas de lagartas é substancialmente mais complexa que a Manutenção de viaturas de rodas. Esta complexidade deve ser devidamente suportada por uma Manutenção adequada, que englobe sobresselentes e equipas de Manutenção com capacidade de efectuarem Manutenção Intermédia de Apoio Directo. Caso isso não seja possível, deve ser estabelecido um protocolo de Manutenção com a Brigada apoiante para que o tempo de espera das reparações seja o razoável para as operações em curso.■

<sup>1</sup> Ver Kosovo, uma missão para a PEI, *Jornal do Exército*, N.º493, Fevereiro de 2001, pp. 30-35.  
<sup>2</sup> MTA, Desmilitarização e Transformação do UÇK em KPC.



**Rioquímica**  
Produtos Químicos de Manutenção  
Industrial, Lda.

### FABRICA E COMERCIALIZA:

Aditivos • Anticorrosivos • Decapantes  
Desengordurantes • Desincrustantes  
Desoxidantes • Detergentes  
Dissolventes • Isolantes  
Revestimentos  
Sabonetes Líquidos  
Solventes Especiais  
Toalhas Mesa • Ceras • Shampôs

Elospark Edifício 14 – Estrada da Barrosa Algueirão  
2725-193 Mem Martins  
Tel.: 21 926 72 70 – Fax: 21 926 72 78

# A Cavalaria em operações de apoio à paz

“... Essas poucas páginas brilhantes e consoladoras que há na história do Portugal contemporâneo escrevem-nos, os Soldados, lá pelos sertões da África com as pontas das baionetas e das lanças a escorrerem sangue.

... Tudo suportamos de boa mente porque servíamos El-Rei e a Pátria, e para outra coisa não anda neste mundo quem tem a honra de vestir uma farda. Por isso nós também merecemos o nome de soldados: é esse o nosso maior orgulho!”

## INTRODUÇÃO

O presente artigo nasce de um desafio da Direcção da Revista da Cavalaria e tem por finalidade partilhar as experiências vividas no Teatro de Operações (TO) de Timor Leste, do ERec/2º BI/BLI/PKF/UNTAET no período de Abril a Outubro de 2001.

## RESENHA HISTÓRICA

O ERec, sedado no Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), o Regimento de “Dragões de Entre-Dou-

ro-e-Minho”, em Braga, está atribuído, em termos operacionais, à Brigada Ligeira de Intervenção (BLI) e faz parte das Forças de Projectão do Exército. O ERec vai buscar as suas raízes ao ano de 1987, quando foi formado o 2º ERec<sup>2</sup> do RC6 como encargo operacional atribuído à Brigada de Forças Especiais (BFE). Contudo, com a extinção em JUN92 da BFE, este encargo operacional foi temporariamente neutralizado, não recebendo praças especialistas. A luz surgiu em MAR93, quando é reactivado o encargo operacional do ERec, com o seu Comando (Cmd), dois Pelotões de Reconhecimento (PelRec) e um Pelotão de Morteiros (PelMort), sendo atribuído à recém criada Brigada Ligeira de Intervenção (BLI).

De 1993 a 1996 o ERec viveu períodos de incerteza, com o encargo operacional na sua maioria em Ordem de Batalha (OB). Os quantitativos de pessoal do ERec oscilaram de acordo com as colocações, no RC6, de militares com a especialidade de reconhecimento. Em 1996 o ERec e o Esquadrão de Instrução foram colocados sob o mesmo Comando. Em Janeiro de 1998 “renasce” o ERec com a finalidade de integrar a Força Nacional Destacada (FND) para a BÓSNIA.

## PARTICIPAÇÃO EM FND

Quase sempre que a BLI recebeu a missão de aprontar forças para Missões de Apoio à Paz, fora do Território Nacional (TN), o ERec foi chamado a participar. Assim, desde 1998, este Esquadrão já integrou por cinco vezes uma FND, tendo participado duas vezes ao serviço da NATO, na região dos Balcãs, nos TO da BÓSNIA HERZEGOVINA e do KOSOVO, e três vezes, ao serviço da ONU no TO de TIMOR LESTE, conforme a seguir se descreve:

- **ERec/AGR ALFA/BLI/SFOR** - No período de JUL98 a JAN99, integrou o Agrupamento ALFA (primeiro contingente da BLI a sair do TN em missão humanitária e de paz) na Força de Estabilização da NATO (SFOR), no TO da BÓSNIA HERZEGOVINA. Constituído por um Cmd e 02 PelRec, reforçado por um Pelotão de Polícia do Exército (PelPE) do RL2;
- **ERec/AGR CHARLIE/BLI/KFOR** - No período de JAN a AGO00, integrou o Agrupamento CHARLIE na Força da NATO de Imposição da Paz, no território do KOSOVO (KFOR). Constituído por Cmd, 02 PelRec e um PelMort;

- **ERec/2º BI/BLI/PKF/UNTAET** - Em finais de 2000 o ERec recebeu a missão de se preparar para o TO de TIMOR LESTE, onde cumpriu a missão de Abril até Outubro de 2001 integrando o 2º BI/BLI, com Cmd, 02 PelRec e um PelMort, reforçado com um PelPE do RL2;
- **ERec/1º BI/BLI/PKF/UNTAET** - Este Esquadrão substituiu no TO o anteriormente levantado no RC6. Constituído com parte do Cmd e um PelRec do RC 6, reforçados por um Pel da EPC, um Pel do RC3 e um PelPE do RL2. Este segundo ERec terminou a sua missão no TO em Junho de 2002;
- **ERec/AgrFOXTROT/BLI/PKF/UNMISSET** - No 2º Semestre de 2003, com o regresso da BLI ao TO de Timor Leste, o Agr FOXTROT integrou como uma das suas unidades de manobra o ERec.

## O APRONTAMENTO

Corria o mês de Setembro do ano 2000 quando, pela primeira vez, se ouviu no RC6 que esta ia novamente contribuir com militares seus para mais uma missão no exterior, agora no território de TIMOR. A mensagem passou de boca em boca e, a pouco e pouco, o pessoal foi-se voluntariando.

Durante o mês de Outubro, com a nomeação do Comandante de Esquadrão, procedeu-se à elaboração dos Quadros Orgânicos (Pessoal e Material) e ao planeamento da instrução a ministrar. Como o RC6 não tinha pessoal em número suficiente para formar os 4 pelotões necessários, foi superiormente decidido que a Escola Prática de In-

fantaria (EPI) contribuiria com um pelotão, retirado do seu encargo para a BLI.

Em 01NOV01, foram feitas as transferências internas de pessoal de forma a ficarem no ERec somente os militares voluntários para a missão. De imediato, e embora o QO Pessoal estivesse incompleto, deu-se início à instrução das especialidades de Atirador Explorador e de Condutor VBL Rodas às Praças que não estavam habilitadas com as mesmas, e instrução orientada para a missão às restantes Praças.

Contudo, pairava a incerteza quanto à data de início da missão. Havia três cenários possíveis:

- Fevereiro de 2001, como reforço do 2º BI/BLI, que já se encontrava em fase adiantada de preparação no RI 14, em VISEU;
- Março/ Abril de 2001, ainda como reforço do 2º BI/BLI;
- Agosto de 2001, integrando o 1º BI/BLI.

O aprontamento continuou até que, em meados de Dezembro, foi decidido o primeiro cenário. Foi solicitado à EPI o envio do pelotão para BRAGA, mas devido à inexistência de efectivos tal não foi possível. O RC6, em coordenação com a BLI virou-se então para o Regimento de Lanceiros Nº 2 (RL2), unidade também com alguma experiência em Missões de Paz, cujo pelotão se apresentou no RC6 em 07JAN01.

Em 08JAN01, o ERec apresentou-se no RI14 e integrou o 2º Batalhão de Infantaria/BLI, o PORBATT, como UEC (Unidade de Escalão Companhia).

Com o decorrer do mês de Janeiro e depois de já estar previsto o embarque do Esquadrão em 26FEV01 (última leva), surge um novo imprevisto: as Nações Unidas só permitem o embarque depois de chegar ao TO o navio com

o material para equipar a subunidade.

Em 16JAN01, o ERec regressa ao RC6, onde vai terminar o aprontamento. Em 20FEV01, quando nada o fazia prever, é dada a ordem de embarque para um pelotão. Em 26FEV01, sai do aeroporto de Figo Maduro o 1º Pelotão, com 34 militares. Em 09MAR01, faz-se ao mar o navio com o material, levando a bordo dois militares do ERec, e em 01ABR01 dá-se o embarque dos restantes 109 militares do Esquadrão.

Após várias escalas e cerca de 41 horas de viagem chega a TIMOR, em 03ABR01.

## O PESSOAL

O ERec/2º BI/BLI, tinha um efectivo de 137 militares, dos quais 06 Oficiais (03 QP e 03 RC), 19 Sargentos (15 QP e 04 RC) e 112 Praças (95 RC e 17 RV), sendo 06 Praças do sexo feminino;

Quase 50% dos militares já tinham participado, pelo menos uma vez, em missões de paz nos vários TO, mais propriamente 59 militares, ou seja exactamente 43% do seu efectivo, assim distribuídos:

- ANGOLA - 4 militares, 3% do efectivo;
- BOSNIA - 25 militares, 18% do efectivo;
- KOSOVO - 50 militares, 36% do efectivo.

De salientar que, após a nomeação do ERec para integrar o 2º BI, o Cmd do ERec, com a aprovação do Cmd do RC6, elaborou-se uma proposta de QOP, que no entanto não foi aprovada. Esta proposta previa a constituição de Pelotões de Reconhecimento com 3 Secções de Exploração cada. Foi ordenada a constituição do ERec, de acordo com o QOP das Companhias de Atiradores que já integravam o 2º BI, com a diferença do ERec ter menos 18 militares no Pelotão de Morteiros (tinha apenas SecMort e não tinha as Secções AntiCarro (SecACar) das Companhias de Atiradores).

Assim, o QOP estipulava:

- 3 Pelotões de Reconhecimento<sup>3</sup> a 3 Secções cada. Destes 3 Pelotões, 2 foram levantados no RC6 e 1 no RL2. Cada pelotão era constituído por 01 Oficial, 04 sargentos (1 Sargento de Pelotão e 3 Cmdt de secção) e 29 Praças.
- 01 Pelotão de Morteiros, levantado no RC6, constituído por 01 Oficial, 03 sargentos e 17 Praças.

O QOP aprovado (ordenado) não contemplava, por exemplo, o Sargento de OpInfo no Cmd do ERec. A solução encontrada foi "transformar" o sargento de pelotão do PelPE/RL2 em SarOpInfo.

## A MISSÃO NO TO DE TIMOR

### Operações

Uma vez no TO, o ERec com o seu Posto de Comando instalado no Aquartelamento de Becora, recebeu a missão:

**"O ERec (+), a partir de**

**07ABR01, assegura a vigilância e/ou defesa dos pontos sensíveis de Dili atribuídos; executa patrulhamentos de segurança na área urbana de Dili; prepara-se para apoiar a RRU na manutenção da lei e da ordem em Dili; constitui-se em reserva da PKF, com 24H NTM, pronto para actuar em qualquer parte do território de Timor Leste".**

Em 07ABR01, dá-se início ao cumprimento da missão atribuída, sendo articulados os meios da seguinte forma:

- O ERec, além dos seus 4 pelotões orgânicos, recebe (sob controlo operacional) um Pelotão da 2ª Companhia de Atiradores (aquartelada em LIQUIÇA). Este pelotão não foi sempre o mesmo, rodando de 6 em 6 semanas, entre os 4 pelotões da Companhia. Esse pelotão fazia-se acompanhar do seu equipamento e armamento orgânico, recebendo de reforço apenas uma viatura HMMWV e o respectivo armamento.
- O 1º Pelotão, entretanto instalado no HELIPORTO de DILI, garante o controlo de acessos e a segurança do HELIPORTO de DILI e destaca uma Secção para



Check-Point do Heliporto de Dili.

o Hospital Militar da UNTAET, tendo esta à sua responsabilidade o Controlo de Acessos no Hospital e, entre as 18h00 e as 06h00, assegura a segurança no WATER POINT. Em finais de Julho, após a revisão, aprovação e implementação dos novos planos de segurança dos pontos sensíveis de DILI, este pelotão passa também a executar patrulhamentos (montados e apeados) quer na área urbana de DILI, quer mesmo no interior do perímetro do AEROPORTO de COMORO. Passa também, em alternância com o 2º Pelotão, a garantir a segurança do IDP CENTER.

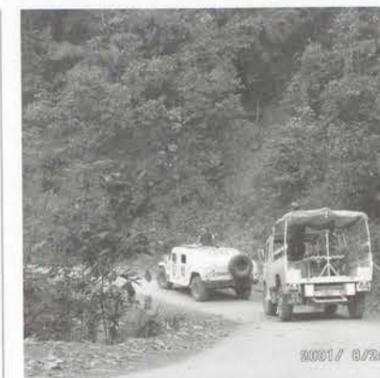
- O 2º Pelotão ocupa instalações junto ao AEROPORTO de DILI. Assegura o controlo de acessos de veículos (VCP) ao AEROPORTO e destaca uma Secção para o IDP (centro de trânsito), garantindo a Segurança daquele ponto sensível. Em finais de Julho, após a revisão, aprovação e implementação dos novos planos de segurança dos pontos sensíveis de DILI, este pelotão passa também a executar patrulhamentos (montados e apeados) quer na área urbana de DILI, quer mesmo no interior do perímetro do AEROPORTO de COMORO. Passa também, em alternância com o 1º Pelotão, a garantir o Controlo de Acessos no HOSPITAL e, entre as 18h00 e as 06h00 assegura a segurança no WATER POINT.
- Com o Pelotão de Polícia do Exército, Pelotão de Morteiros e um Pelotão da 2ª Companhia de Atiradores (sob controlo operacional), instalados em BECORA, garante a Segurança do Aquartelamento e executa patrulhamentos de segurança em

toda a área urbana de DILI. Estes pelotões, com uma periodicidade mensal, substituíam o 1º e/ou o 2º Pelotões por forma a que estes pudessem ter um dia de descanso (Rest-Day) com todo o pelotão em simultâneo.

- Depois de instalados, paralelamente com a actividade operacional, dá-se de imediato início ao melhoramento das instalações. Trabalhando com recursos limitados (pois aguardava-se a chegada do navio), os militares do Esquadrão põem à prova o seu engenho e arte e dão mostras da sua versatilidade. Todos

os melhoramentos realizados, foram à custa do esforço, vontade e determinação destes valerosos Soldados.

Em 12ABR01, após 34 dias de viagem, chega ao porto de DILI o navio "BAVARIA", transportando o material (viaturas, geradores, armamento, munições e material de aquartelamento) para o Esquadrão. Com a chegada do material, o ERec ganha novo alento. Após a redistribuição do material, feita pelo Cmd do Batalhão, os pelotões são equipados da seguinte forma:



Patrulhamentos nas encostas de Dili.

Atendendo a que os meios atribuídos não eram suficientes, para que cada guarnição tivesse a sua(s) própria(s) viaturas, foi decidido atribuir uma viatura Iveco 40.10 e uma viatura HMMWV a cada pelotão, de forma a que quando saísse em missão tivesse sempre 02 viaturas para o desempenho da mesma. Foi ainda mantido um número de viaturas sobre o controlo do Cmd do ERec que permitissem, em caso de necessidade, colocar até ao efectivo de um pelotão, montado, no exterior.

O ERec cumpria as suas missões, de acordo com uma ordem parcelar emitida diariamente e que, para além de estipular as missões de segurança aos pontos sensíveis de DILI, atribuída missões de patrulhamento. As missões de patrulhamento eram efectuadas por secção (a duas viaturas) e podiam ser montadas e/ou apeadas.

Segue-se um exemplo de parte de uma ordem parcelar:

A SubUn responsável pelo controlo do *Vehicle Check Point* (VCP) do AEROPORTO, fazia 2 patrulhamentos apeados, no perímetro interno do mesmo. Um dos outros pelotões também recebia, aleatoriamente, a ordem de efectuar patrulhamentos apeados no perímetro interior do aeroporto. As áreas a patrulhar eram atribuídas de uma forma aparentemente aleatória,

SubUn	Efectivo	HMMWV	Iveco 40.10	DAF	Armamento	Obs
Cmd	02 Of 04 Sarg 06 Praças	3	2	2	03 Pistola Walther 05 EspAutmG3 C/R 07 EspAutmG3 01 ML MG3 03 MP Browning	
SecMan	01 Sarg 02 Praças	0	1	0	03 EspAutmG3 C/R	
1Pel	01 Of 04 Sarg 29 Praças	1	2	0	01 Pistola Walther 05 EspAutmG3 C/R 29 EspAutmG3 06 HK79 03 ML MG 3 01 MP Browning	Estes Pel receberam mais uma Iveco, em virtude de serem eles que faziam o Reabastecimento das várias classes: 01 viat para Reab e a outra disponível para missões operacionais
2Pel	01 Of 04 Sarg 29 Praças	1	2	0	01 Pistola Walther 05 EspAutmG3 C/R 29 EspAutmG3 06 HK79 03 ML MG 3 01 MP Browning	
PelPE	01 Of 03 Sarg 29 Praças	1	1	0	01 Pistola Walther 04 EspAutmG3 C/R 29 EspAutmG3 06 HK79 03 ML MG 3 01 MP Browning	
PelMort	01 Of 04 Sarg 17 Praças	1	1	0	01 Pistola Walther 04 EspAutmG3 C/R 17 EspAutmG3 02 ML MG3 4 Mort 60mm 4 Morteirete 60 mm 01 MP Browning	
PelAt/2ªCAT		1	1 (*)	0	Armamento Orgânico da 2ª CAT 01 MP Browning (ERec)	(*) A Iveco era orgânica da 2ª CAT

SubUn	8-10	10-12	12-14	14-16	16-18	18-20	20-22	22-24	00-02	02-04	04-06	06-08
1Pel	Segurança do Heliporto											
	Controlo Acessos Hospital Militar											
	Segurança Water Point											
		A1						B3				
2Pel	Controlo VCP Aeroporto											
	Segurança IDP											
	"Rest Day"											
PelPE	Segurança BECORA											
	QRF 5 minutos NTM											
				A5					C2			
PelMort	D1			A2		F2		F1	H1			B4
PelAt	"Rest Day"											

Obs: Os dados supra, são fictícios não reflectindo uma ordem parcelar real, mas sim o seu "espírito". Os códigos alfanuméricos, representavam as áreas (nas quais a AOR do ERec foi dividida) a patrulhar.





# Blindados na Guiné: PELREC FOX 888

## 1. GENERALIDADES

Estava colocado na Escola Prática de Cavalaria (EPC) quando fui nomeado para comandar o Pelotão de Reconhecimento Fox 888 (PelRec FOX 888). A unidade mobilizadora foi o Regimento de Cavalaria Nº 7 (RC 7) em Belém. As viaturas orgânicas que iriam constituir o pelotão, bem como todo o material, encontravam-se já na Guiné, no quartel da Amura, em Bissau. Foi determinado que a instrução fosse dada na casa Mãe da Cavalaria, o que fora para mim importantíssimo, porquanto aqui tivera feito o meu tirocínio, após o qual fui nomeado para frequentar o 2º Curso de Instrutores de Minas e Armadilhas (no Regimento de Engenharia da Pontinha). Uma vez regressado, fui nomeado instrutor dum pelotão escolar do Curso de Sargentos Milicianos (CSM) e, mais tarde, do Curso de Oficiais Milicianos (COM). Por estas razões, conhecia todas as infra-estruturas de instrução, tinha todos os meios orgânicos disponíveis para trabalhar um PelRec FOX e, mais importante, tinha o apoio e camaradagem dos meus mestres e camaradas, onde se encontravam oficiais recém chegados de África. Destes oficiais, com todo o saber

de experiência feita, destaco: o então Capitão Mendonça, que comandou o Esquadrão de Dragões *Panhard* em Angola; e os Tenentes Roque da Cunha e Oliveira Soares que comandaram um pelotão de Polícia Militar Independente em Bissau.

Também no RC 7 fui carinhosamente recebido e apoiado, embora esta unidade não tivesse os meios e infra-estruturas de instrução que havia na EPC. Tive também sorte de receber do Tenente Filomeno Garcia preciosos avisos e ensinamentos, uma vez que tinha chegado recentemente da Guiné do comando de um pelotão irmão e pertencente ao Esquadrão de Reconhecimento (ERec) de Bafatá.

## 2. INSTRUÇÃO

Espírito de corpo, camaradagem e espírito de missão, aliados ao entusiasmo, alegria, brio e à preparação recebida e ensinada recentemente, fizeram com que me sentisse completamente realizado por ter a honra de ter sido o primeiro do meu curso a servir em África e, ainda por cima, no comando de um PelRec orgânico independente.

Tinha 23 anos, sensivelmente a mesma idade dos outros trinta e cinco do pelotão. Havia muita generosidade e abnegação, havia que IR e

VOLTAR, havia que criar uma família ÚNICA e IRREPETÍVEL. Assim nasceu o élan que nos permitiu criar uma motivação sem limites. Acreditaram! Compuseram um hino e uma marcha “a da glória” (quadro 1), desenharam um emblema, nasceu uma equipa cada vez mais amiga e eficiente.

A partir daqui a instrução tinha uma evolução galopante e contagiante. Cada dia íamos um pouco mais além: vendávamos os olhos às guarnições para desmontagem e montagem do armamento e subíamos a fasquia do tempo; ao rádio todos sabíamos o mínimo para ajudar numa emergência; no tiro havia intercâmbio de todos os membros das guarnições das Autometralhadoras (AM), Morteiro 81 e Lança Granadas 8,9cm. A ordem unida montada era digna de se ver pelo garbo, correcção e rapidez conseguida e era motivo de orgulho quando chegávamos ou partíamos dos aquartelamentos – dava-lhes uma vaidade salutar e aguçava-lhes a destreza. Todos sabiam conduzir o mínimo em emergência – e todos os condutores de ligeiros sabiam conduzir as AM Fox e TP 7; na instrução de minas e armadilhas, só eu ou os sapadores do batalhão “mexiam”, mas até haver o Pelotão de Milícia a picar os trilhos sabiam todos mexer no detector de minas ou, em sua

substituição, sabiam picar com os sabres-baionetas. Nos primeiros socorros todos sabiam o essencial e na manutenção das viaturas todos os condutores eram sabiamente regidos pelo maestro “Zé Gordo” (mecânico da vida civil e de que falei mais à frente). Na educação física – “puxada” – terminava-se sempre com cambalhota em frente em tronco nu.

## 3. A MISSÃO DO BCaÇ 513

Nos primeiros meses de 1963, o aumento da actividade terrorista do inimigo, irrompendo com grande violência em todo o sul da Guiné, demonstrou pelo seu poderio ter atingido uma fase adiantada na forma clássica da evolução da subversão. Isto levou os comandos superiores responsáveis a reforçar substancialmente, em tropas, o Comando Territorial Independente da Guiné (CTIG).

Foi atribuído um sector à responsabilidade do BCaÇ 513 ao longo da fronteira sul, ao qual foi dado as seguintes missões:

- Assegurar a ocupação territorial da área do Sector;
- Opor-se à infiltração de elementos terroristas no sector, detectando, neutralizando ou aniquilando-os;
- Referenciar, capturar ou aniquilar grupos terroristas ou sublevados que se revelem, no mínimo criá-los a maior insegurança e dificuldades;
- Proceder à recuperação e acção psico-social das populações;
- Intensificar a pesquisa de notícias;
- Efectuar constantes acções de patrulhamento, criando condições que permitam utilizar as principais povoações **auto-defendidas**

como bases de apoio para as forças militares em operações;

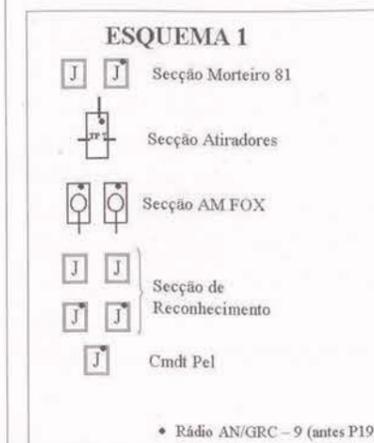
- Garantir a estrada BUBA-ALDEIA FORMOSA e criar condições de utilização da estrada MAPATÁ-CACINE.

## 4. ENQUADRAMENTO DO PELREC FOX 888 NA ZONA DE ACÇÃO



## 5. ORGÂNICA DO PELREC FOX E A SUA EVOLUÇÃO

A orgânica clássica era como sa-  
bemos:



Esquema 1 – Orgânica de um Pelotão de Reconhecimento.



Pelotão de Reconhecimento na parada da EPC. Embora com equipamentos diferentes do usado pelo PelRec 888, a sua orgânica é a mesma (e ainda hoje se mantém em uso no nosso exército) e que é herança da orgânica americana do fim da segunda Guerra Mundial.

Com a experiência e face às necessidades para o cumprimento das missões atribuídas, passou este pelotão a ser reforçado com um Unimog 411 com guincho, que se revelou ser uma viatura indispensável. Mais tarde passámos a usar também uma GMC, que reforçámos com sacos de areia e chapas de bidão de 200 litros (o chamado rebentaminas), onde muitas vezes levávamos o LGF 8,9 e uma ou duas metralhadoras adaptadas lateralmente.



Pormenor da instalação da metralhadora 7.9 Browning numa viatura GMC. O suporte é improvisado, à boa maneira portuguesa.

A articulação do pelotão para o cumprimento das missões, ou seja, a forma como as viaturas eram organizadas em coluna dependia dos





## O Teorias

*“Antigamente foi costume fazerem memórias das cousas que antigamente se fazião assi erradas, como dos valores & nobres feitos”*

In “Crónica do Condestabre”

Folheando um livro, há muito esquecido num canto menos visitado de uma estante, onde se encontram alguns títulos de menor interesse (no caso, Chocolate pela Manhã), veio à memória Forte República, pequena localidade de quatro ou cinco casas perdidas nos confins do Distrito de Malange, Angola, para onde, em 1961, tinha sido “atirada” a Companhia de Cavalaria 121. O livro, pouco interesse literário tem. Faz parte de um rol de edições brasileiras de custo reduzido que constituíam leitura frequente e muito disputada. Compreende-se qual a sua temática. Vendiam-se bem numa das livrarias da cidade de Malange, sede de um Comando de Batalhão e onde, com certa regularidade, se dirigiam mecânicos e vagemestres das companhias situadas na área. Uns, na procura de sobressalentes com que remendar as viaturas, os outros, apostados na sua boa vontade, na procura de géneros alimentares no depósito de abastecimentos ou adquirir alguns frescos para com eles diversificar a ementa quase diária de um bacalhau ressequido (andava por lá um receituário sobre as 100 melhores maneiras de o cozinhar) mas

que, depois de invariavelmente cozido com batatas, disputava alternância aos ovos com ervilhas. Havia também o bife de “pacaça”, quando alguma mais descuidada se deixava caçar, conservado em salmoura ou transformado em sola depois de seco ao sol sobre o telhado de zinco que protegia o forno do pão. O frigorífico a petróleo, descuidado e incerto no seu funcionamento, ainda ali não se tinha apresentado.

Todavia, não foi pelo livro ou assunto nele versado, que Forte República veio à memória, nem sequer por ter visto lá, pasme-se, “passar um carneiro à guia” – não fosse a 121 um esquadrão metamorfoseado em companhia, integrando elementos com pergaminhos na equitação – ou mesmo recriar uma “tourada” com uma improvisada “tourinha” armada com cornos de búfalo e uma roda de bicicleta, ao som de um qualquer passo-doble ou do então famoso “Tango dos Barbudos”. Atitudes resultantes de uma certa nostalgia ou de um comportamento brincalhão, a que ironicamente alguns designavam de “apanhados pelo clima”. Foi sim, porque dentro dele se encontrava, bastante amarelecido e já dividido em quantas partes, um impresso de mensagem dirigida ao Comando de Sector, no

qual se transcrevia o texto de um bilhete encontrado nas margens do Rio Cauale. Fora escrito por algum elemento da guerrilha que actuava na área e deixado num local frequentemente patrulado, com o evidente propósito de ser encontrado. Transcrevo-o, não com os erros gráficos ou linguísticos que continha, pois o original deve ter ficado arquivado em algum processo, mas mantendo os mesmos termos, em que foi transmitida:

*“3 de Agosto de 1961. Excelentíssimos Senhores Portugueses. Daqui mandamos perguntar quem vos deu ordem de atravessar o Rio Cauale. Mas nós estamos à vossa espera no Rio Uamba onde vai ter lugar uma grande guerra com os soldados do Congo Belga. Vocês queimar os nosso povos mas nós todos saímos deste lugar e fomos esperar-vos no Uamba dentro do povo Quitotila mas vocês não vão chegar ao posto Uamba porque vão ser todos mortos”.*

Desconheço o motivo porque o impresso de mensagem ali foi parar, mas penso que, depois de transmitida, permanecesse esquecido a marcar a página. A leitura da mensagem, recordou a acção militar que ela provocou, por sinal bastante marcante e, mais concretamente, um dos elementos que nela participou.

Com uma mobilização apressada, foi criada no já extinto Regimento de Cavalaria 8, em Castelo Branco, a Companhia de Cavalaria 121. Organização normal das companhias, ao tempo. Concentração do pessoal, alguma instrução apressada e preparativos para embarque. Como ainda não tinham caído em rotina os embarques para o Ultramar, houve desfile pelas ruas da cidade por entre escorregadias lágrimas de familiares, acenar de lenços de namoradas ou madrinhas de última hora assim como de longínquos beijos atirados por senhoras postadas em janelas e a presença de simples curiosos. Estes, quando os desfiles militares ainda atraíam gente. Viagem de comboio até Lisboa e embarque no navio Niassa, embarcação que se notabilizou como transporte militar.

Construído com destino às carreiras do Ultramar, com o início da guerra em Angola foi convertido à pressa em transporte de tropas. Manteve as duas classes de passageiros. Primeira, Segunda ou Turística, tendo-lhe sido acrescentada, depois de despojado de algum atavismo e adaptados outros, a “classe de Porão”. Permaneceu a bordo a tradicional orquestra com pianista. Esta, senhora de “meã altura”, estrutura larga e bem coberta, idade indefinida, a atenção que despertava nas primeiras horas, pouco ia além do virtuosismo com que atacava as teclas do piano. Contudo, segundo algumas opiniões, nos últimos dias da viagem, provocava nos que diariamente a ouviam, um sentimento bastante atractivo. Simpática, não se escusava aos pedidos para tocar alguma melodia de sabor regional ou outra mais em voga. Atenta à partitura, os movimentos da sua cabeça oscilavam entre a leitura das notas que tinha na pauta

em frente e as teclas dos extremos do piano. Presume-se que a volumetria dos seios não lhe deixaria ver as teclas centrais. O banco onde se sentava, parecia geminado. O seu labor, distribuía-se pelas duas primeiras classes, “abrilhantando” as conversas de salão, depois do chá das cinco.

É como passageiro da última classe do Niassa que se torna conhecido, aquele que motivou estas linhas. Não me recorda o nome, mas também não interessa. Poucos o saberiam e raramente terá respondido por ele. Figura franzina, olhar vivo, resposta pronta, prestável e bom camarada, movia-se à vontade dentro da farda. Dotado de um espírito que procurava ser esclarecedor, tinha explicações para tudo. Era conhecido pelo “Teorias”.

Decorriam três ou quatro dias de viagem, alguém informou um oficial da companhia de que num dos “beliches” do porão estava um soldado doente e sem comer. O médico foi averiguar o caso e verificou que ele se encontrava apenas enjoado e sem motivo de preocupação. Medicado, quando questionado sobre o motivo porque não queria comer nem sair da cama, exprimiu a sua ideia mais ou menos da seguinte forma, assente em lógica própria: “Os pontos altos do navio, baloiçam mais do que os fundos, o que provoca enjoos. Comer muito faz enjoar e vomita-se. Logo é preferível não comer”. A exposição desta ideia e de outras semelhantes, valeu-lhe o nome porque ficou conhecido.

Após o desembarque em Luanda e equipada de material, a 121 rumou a Forte República, pequena localidade situada quilómetros acima de Malange, não sem que antes tivesse procurado descobrir todo o tipo de caixotes e com as suas tábuas construir resguardos laterais nas viaturas. Todavia de pouco interesse, pois dificultavam a saída rápida da viatura, além de terem rapidamente perdido a sua pouca utilidade quando a guerrilha substituiu o “canhangulo” por armas mais con-

vençionais. Chegados, a um pequeno barracão coberto a chapa de zinco, acrescentam-se alguns módulos construídos em adobe e cobertos a capim. Cerca-se a área com arame farpado e temos pronto um quartel. Instala-se o comando e um pelotão. Os outros, são dispersos pelos arredores na vasta área da Baixa de Cassange.

Segue-se o dia a dia. Acções de patrulha, contactos com a população, apoio sanitário e algum desafio de futebol entre pelotões ou com a equipa da companhia mais próxima, em visita ocasional ou mesmo com os mais habilidosos da localidade. A assistência, sempre ruidosa e entusiástica, sem preferência por qualquer equipa, atirava mãos cheias de terra ao ar sempre que a bola entrava em qualquer uma das balizas.

É na rotina do serviço diário que a maneira prestável do “Teorias” se revela. Ajuda na cozinha, tentando melhorar as sugestões do “chefe”; no posto de transmissões, com argumentos sobre a melhor orientação a dar às antenas do AN/GRC-9, quando os ruídos que regurgitava, vinham acompanhados de mensagens indecifráveis; dava à manivela do gerador quando as baterias fraquejavam, tentando demonstrar qual o ritmo ideal do movimento dos braços para que um fluxo cons-

tante da corrente eléctrica, chegasse ao aparelho. Ajudava o primeiro sargento na secretaria, pois achava que o escriturário dava muitos erros, era lento, mesmo sorna (o que não deixava de ser verdade). Do seu convívio com os camaradas, resultava um contínuo expor de ideias ou de opiniões que por vezes provocavam meditação ou ... riso. Não era desapropriado o nome que lhe haviam posto.

No cumprimento da sua missão, visitou um dia a companhia um jovem capitão, padre Braula Reis, por sinal, actual Prior da Igreja de S. Domingos em Lisboa. Informado

matá, violento tiroteio. O vidro do pára-brisa ao lado do condutor é estilhaçado; o apontador da Breda, montada no *jeepão*, cai atordoado com o impacte do projectil que lhe acerta no capacete; outros, circulam por entre a guarnição ou cravam-se nas protecções de madeira que ladeavam a caixa da viatura. A Breda e outras armas, "cantam" de imediato, algumas granadas são atiradas. O padre, levanta-se para ver de onde vinham os tiros e, como depois referiu, ver também se avisava "algum terrorista". De imediato, recebe do comandante da companhia, que seguia a seu lado, valente



O padre Braula Reis, por sinal, actual Prior da Igreja de S. Domingos em Lisboa, informado de que ia sair uma patrulha fez questão de participar na mesma, (...) não sem que antes tivesse pedido emprestadas, uma UZI, cartucheiras e capacete".

de que ia sair uma patrulha fez questão de participar na mesma, embora lhe fosse dito que na zona para onde seguia a patrulha tinham sido referenciados movimentos da guerrilha. Seguiu, no meio de uma secção, sentado na caixa do *jeepão*, não sem que antes tivesse pedido emprestadas, uma UZI, cartucheiras e capacete. A determinada altura do percurso, por uma "picada" com o capim a arder de um lado e denso arvoredo do outro, estala vindo da

murro no capacete que o obriga a voltar ao assento. Os condutores aceleram, tanto para sair da mira dos "canhangulos" como do capim que ardia por baixo das viaturas. Desemboca-se num aldeamento, vazio e com algumas casas já ardidas. Revistam-se e encontra-se uma imagem do que parecia ser um Santo António, toscamente esculpido, mais tostado e escurecido pelo fuligem do que pela cor da madeira em que fora trabalhado. Não houve fe-

ridos no ataque. Religioso ou não, o "Teorias" manifestou o seu parecer. A Companhia continuava sob protecção Divina. Isto porque, na primeira noite passada em Luanda quando, no Seminário (local que se supõe visível dos céus) onde fora instalada, os seus elementos tentavam afeiçoar os corpos aos ladrilhos dos corredores, soalhos dos quartos sem cama ou mesmo nos balneários, vindo não se sabe de onde nem por quem – supõe-se que por alguém mais bem bebido de "Cucas" – uma rajada de arma ligeira, varreu a frontaria do edifício, estilhaçou vidros e marcou paredes interiores e exteriores. Agora, pela presença de um padre e ajuda de um Santo António de sanzala, também não houve baixas.

Sem ser uma zona onde as acções do inimigo mais se fizessem sentir, as informações davam notícia de frequentes movimentos da guerrilha em pontos localizados quase no extremo na área de actuação da 121, pelo que os patrulhamentos incidiam com mais frequência naquelas direcções. Zona planáltica, recortada por numerosas linhas de água, algumas de apreciável caudal em época de chuvas, dificultavam a movimentação das tropas, quer pelo atoleiro em que se transformavam as estradas, quer pelas numerosas pontes que tinham de atravessar, construir e reconstruir. Por vezes havia que improvisar jangadas ou utilizar "almadias", as vulgares canoas indígenas feitas de um tronco escavado. Frequentemente, reconstruíam-se pontes para, passado um dia ou dois ou mesmo algumas horas, ter que se improvisar uma passagem, pois já tinha sido destruída ou incendiado o seu tabuleiro. Por tal facto, as viaturas de transporte iam equipadas com tábuas para facilitar a passagem de pon-



Por vezes havia que improvisar jangadas ou utilizar "almadias", as vulgares canoas indígenas feitas de um tronco escavado.

tes ou transposição de cursos de água. Toda esta acção requeria um apreciável esforço físico aliado a um grande desgaste psicológico, face à incógnita do que se encontraria na margem oposta. Foi pois, neste cenário, que a 121 desenvolveu grande parte da sua actividade operacional durante o primeiro ano da sua permanência de vinte e sete meses em Angola.

Numa acção de patrulhamento quando se preparava a transposição de um curso de água, inesperado tiroteio vindo da margem oposta fere o "Teorias".

O projectil, entra-lhe na cavidade abdominal, arrastando a camisa no seu trajecto, sem contudo afectar qualquer órgão. Corta-se a camisa por fora e o que fica à vista, parece um "pom-pom" ali colado. É feito um penso. Na impossibilidade de pedir evacuação, porque a noite caía, há ordem para retroceder. Evacuado para o Hospital de Malange, cer-

ca de um mês depois, recuperado, estava de regresso. Então, expõe noções de balística, pormenorizando que o estar vivo devia-se, entre outros motivos, ao facto do projectil ser arredondado e não perfurante. Não deixava de ter razão.

A mensagem atrás referida, faz preparar nova operação para o mesmo local. Durante o trajecto são refeitas cerca de onze pontes. Chegados à margem do rio, montada a segurança, é feito um reconhecimento pelo fogo da margem oposta, praticamente despida de vegetação. Prepara-se a transposição do curso de água, construindo uma jangada. Um primeiro grupo constituído por voluntários, inicia a travessia com o intuito de fixar um cabo, para facilitar a travessia dos restantes. Quando a jangada ia

a meio do trajecto, são referenciados movimentos de indivíduos entrincheirados em covas, abertas quase ao nível da água, com a intenção, presume-se, de capturar os primeiros elementos desembarcados.

Sentindo-se descobertos, abrem fogo. A reacção instintiva dos homens que ocupavam a jangada, faz esta adernar e cair à água. Por momentos, as águas que antes corriam calmas e espelhadas, turvam-se agitadas, deixando vir à superfície, aqui e além, um capacete ou um braço. Um ou dois homens agarrados à jangada, são rapidamente puxados para terra. Outros, aliviados do peso do equipamento, nadam para a margem. Depois, tudo sossega. Seis, desaparecem nos fundos do rio, arrastados pela corrente. As tentativas feitas para recuperação dos corpos são infrutíferas.

Qualquer perda em homens, deixa sempre um vazio, mesmo que se proceda ao seu "recompletamento". Agora, pela segunda vez e no mesmo local, a 121 perdeu para sempre o "Teorias". Ficou mais pobre. ■



Frequentemente, reconstruíam-se pontes para, passado um dia ou dois ou mesmo algumas horas, ter que se improvisar uma passagem, pois já tinha sido destruída ou incendiado o seu tabuleiro.

# Carros de combate na história do Regimento de Cavalaria Nº 3

## INTRODUÇÃO

Quando se escreve sobre a história dos Regimentos de Cavalaria do Exército Português, fala-se habitualmente nas Cidades e Vilas onde estiveram aquartelados, sobre os quartéis que ocuparam, as batalhas em que participaram e sobre os militares que neles serviram e principalmente dos que se cobriram de glória ao serviço dos mesmos. Raramente se fala sobre os cavalos, elemento essencial e sempre presente num Regimento de Cavalaria ou sobre as armas, os equipamentos e as viaturas que foram utilizados e que fizeram parte da história de cada um dos Regimentos. É sobre um tipo específico de viatura blindada, o **Carro de Combate**, e a sua utilização no Regimento de Cavalaria Nº 3 de Estremoz, a que se dedica este trabalho.

Aquartelado na cidade de Estremoz desde 1875, perto da fronteira com Espanha, o Regimento de Cavalaria Nº 3 esteve sempre numa posição estratégica importante para a defesa de Portugal contra possíveis agressões provenientes do território espanhol. Assim sendo, não foi de estranhar que o Regimen-

to de Cavalaria Nº 3, durante o período em que decorreu a Segunda Guerra Mundial, concretamente no ano de 1944, após a recepção em Portugal de Carros de Combate *Valentine Mk II*, provenientes de Inglaterra e em quantidade suficiente para se equiparem dois Regimentos de Cavalaria, tivesse sido um dos escolhidos para a sua gradual transformação em "*Regimento de Carros de Combate*".

Entre Julho e Agosto de 1943, o Sub-Secretário da Guerra, Coronel Santos Costa determinou nova organização dos Regimentos de Cavalaria e da Escola Prática de Cavalaria, através de Portarias publicadas em Ordem do Exército de 1943<sup>1</sup>. Os Regimentos de Cavalaria passaram então a serem do tipo "*Regimento de Cavalaria Territorial*" e "*Regimento de Cavalaria Motorizado*". O Regimento de Cavalaria Nº 7, aquartelado em Lisboa e considerado na época como uma das unidades de elite do Exército Português, foi transformado em "*Regimento de Cavalaria Motorizado*"<sup>2</sup>, tendo para tal recebido Carros de Combate *Valentine Mk II* e Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal *Bren Carrier* para equiparem os seus Esquadrões. Com a chegada de mais Carros de Combate *Valentine Mk II* durante o ano de 1943, bem como de outros tipos de viaturas blindadas e logísticas adap-

tadas a serviços de apoio e que foram chegando durante os anos de 1943 e 1944, foi possível implementar-se uma nova organização dos Regimentos de Cavalaria, na qual passou a existir mais um e equipado com Carros de Combate *Valentine Mk II*. Assim, em Dezembro de 1944 foi publicada nova portaria em Ordem do Exército<sup>3</sup> na qual se aprovaram os quadros orgânicos do "*Regimento de Carros de Combate*" e do "*Regimento de Auto-Metralhadoras*". Pela mesma Ordem do Exército foi determinado que o Regimento de Cavalaria Nº 3 adoptasse a organização de "*Regimento de Carros de Combate*"<sup>4</sup>, passando o Exército Português a contar com dois "*Regimentos de Carros de Combate*": o Regimento de Cavalaria Nº 3



e o Regimento de Cavalaria Nº 7, o qual também adoptou a mesma organização, passando de "*Regimento de Cavalaria Motorizado*" para "*Regimento de Carros de Combate*"<sup>5</sup>.

## OS VALENTINE CHEGAM A ESTREMOZ

Ainda antes da determinação oficial da transformação do Regimento de Cavalaria Nº 3 em "*Regimento de Carros de Combate*", um grupo de oficiais, sargentos e praças deste Regimento frequentou, no mês de Novembro de 1944, um Curso de especialização em Carros de Combate<sup>6</sup>, que foi provavelmente ministrado no Regimento de Cavalaria Nº 7 em Lisboa<sup>7</sup>, já com a finalidade de estarem preparados para receberem em Estremoz os primeiros Carros de Combate *Valentine Mk II* destinados ao seu Regimento. Assim, no dia 18 de Janeiro de 1945 o Regimento de Cavalaria Nº 3 recebeu os seus dois primeiros Carros de Combate *Valentine Mk II* 16 ton. 4 cm m/1943 que foram destinados ao 1º Esquadrão. Estes Carros de Combate tinham os números de matrícula<sup>8</sup> M.G.-4014 e M.G.-4017<sup>9</sup>. Na mesma data também foram atribuídas ao Esquadrão de Comando, ao 1º Esquadrão e ao 2º Esquadrão diversas viaturas de transportes gerais, de comando, com depósito de água e de combustível, com postos de rádio, ambulâncias, motos e bicicletas que permitiram o início da motorização do Regimento. Iniciou-se então uma nova fase na vida do Regimento que certamente também marcou uma geração de militares do Exército Português, o qual até então não dispunha deste meio moderno de combate em quantidades suficientes para conseguir obter a



Carro de Combate *Valentine Mk II* nº M.G.-4015 do 1º Esquadrão de Carros de Combate em exercícios nos anos quarenta, com o nome "*Gadanha*", pintado na blindagem frontal. Este nome foi atribuído ao Carro de Combate, tal como eram atribuídos nomes aos cavalos.

formação de unidades blindadas e para a instrução do pessoal. Apesar de ser já um Carro de Combate ultrapassado pela evolução técnica que este tipo de viatura blindada sofreu ao longo dos anos de 1942, 1943 e 1944, face ao desenvolvimento de melhores e mais bem equipados Carros de Combate, quer em Inglaterra, quer na Alemanha e Estados Unidos da América, foi então para o Exército Português uma evolução qualitativa bastante significativa, devido à quase inexistência deste meio de combate nas suas unidades. Foi também um importante marco na instrução de uma nova geração de militares que durante anos formaram na Arma de Cavalaria centenas de outros militares na especialidade de Carros de Combate.

Cinco dias depois foi recebido em Estremoz outro Carro de Combate *Valentine Mk II*, o nº M.G.-4015 que foi atribuído ao 2º Esquadrão<sup>10</sup>, iniciando-se também a transformação deste Esquadrão em Esquadrão de Carros de Combate, tal como aconteceu com o 1º Esquadrão. O transporte deste Carro de Combate

*Valentine Mk II* para o Regimento de Cavalaria Nº 3 foi certamente atribuído, quer pelo meio que foi utilizado para o seu transporte para Estremoz - transportado numa Viatura de Transporte de Viaturas Blindadas Albion CX24S 20 ton. 6x4 m/1943 -, quer pelas estradas que em 1945 ligavam Lisboa a Estremoz não serem as mais indicadas para a circulação deste tipo de viatura. Tal feito levou o Coronel João Pinto de Almeida Ribeiro, Comandante do Regimento de Cavalaria Nº 3, a atribuir um Louvor Colectivo ao pessoal envolvido no transporte deste carro de combate:

"Tendo-me sido muito grato constatar que a marcha de transporte para esta Unidade do porta-carros de combate "*Albion*" -M.G.1942- e carro de combate "*Valentine*" M.G. 4.015, foi realizada numa forma que bastante acentuou o notável cuidado do pessoal desse serviço encarregado, pelas dificuldades que souberam, com a competência técnica que demonstraram, vencer, apresentando à sua chegada, o referido material nas melhores condições, impondo-se ainda considerar-se semelhante viagem inédita para este Regimento, o

LUÍS COSTA  
Estudioso e Coleccionador de Blindados.

que não impediu esse pessoal de fazer tão longo trajecto num espaço de tempo muito aquém do previsto, por considerar a sua conduta como um bom serviço para o Regimento que Comando, usando da faculdade que me concede os Arts. 107º e 125º do R.D.M., louvo todo o pessoal componente dessa diligência, 2º Sargento Mec do Esq de Comando n.º 91/44-E.P., João José dos Santos Ferreira; Furriel do 2º Esq. n.º 34/44-E.P., José Capela Carronha Cócó, soldado do 2º Esq. n.º 99/44- Virgílio Guerreiro e o 1º Cabo do G.C.T.A. n.º 266/44 - Eduardo Ribeiro Castanheira, pela dedicação, zelo e boa vontade de bem servir que demonstraram no exercício de tal missão e em especial o Tenente Sr Francisco Valadas Júnior, porque como Comandante dessa diligência empregou o melhor do seu esforço e subido critério, evidenciando grandes qualidades de trabalho e muitos apreciáveis conhecimentos sobre Carros de Combate, para que tão bom serviço se tornasse notável.”<sup>11</sup>. O transporte deste Carro de Combate foi de facto inédito pois os primeiros Carros de Combate a serem recebidos no Regimento, bem como os que seriam recebidos depois deste, foram transportados por via-férrea. Este transporte fez-se devido ao envio simultâneo, para o Regimento, do Carro de Combate *Valentine Mk II* n.º M.G.-4015 e da Viatura de Transporte de Viaturas Blindadas Albion CX24S 20 ton. 6x4 m/1943 n.º M.G.-1942 que também passou a equipar o Regimento. O recurso a esta viatura serviu certamente para se verificar o tempo que demoravam e as dificuldades que existiam ao transportarem-se Carros de Combate por esta via, entre Lisboa e Estremoz.

A recepção de mais Carros de Combate *Valentine Mk II* continuou a efectuar-se durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1945. Em finais de Janeiro, dias depois da chegada do M.G.-4015, foram recebi-

dos os Carros de Combate *Valentine Mk II* n.º M.G.-4018 e o n.º M.G.-4020, os quais também foram atribuídos ao 2º Esquadrão<sup>12</sup>. Em meados de Fevereiro chegaram os Carros de Combate *Valentine Mk II* n.º M.G.-4016, M.G.-4021, e M.G.-4022 que foram atribuídos ao 1º Esquadrão, e os n.º M.G.-4023 e M.G.-4024 atribuídos ao 2º Esquadrão<sup>13</sup>. Por esta data os dois Esquadrões do Regimento contavam já com cinco Carros de Combate *Valentine Mk II* cada um. Assim se mantiveram até Agosto, altura em que chegaram mais alguns Carros de Combate *Valentine Mk II*. Foram atribuídos ao 2º Esquadrão<sup>14</sup> os n.º M.G.-4025 e M.G.-4047. Os n.º M.G.-4010 e M.G.-4019<sup>15</sup> foram, por sua vez, atribuídos ao 1º Esquadrão. O Regimento passou a estar equipado com catorze Carros de Combate *Valentine Mk II* 16 ton. 4 cm m/1943, divididos pelos seus dois Esquadrões de Carros de Combate, o que, para a época, era já uma força considerável, tendo em conta a estrutura orgânica do Exército Português em 1945 e a quantidade de viaturas blindadas então existentes. Em 30 de Novembro de 1945 todos estes Carros de Combate *Valentine Mk II* foram oficialmente aumentados à carga do Regimento de Cavalaria N.º 3 e ficaram com a

– “(...) 7º Os regimentos de cavalaria n.ºs 3, 4, e 7 passarão a ter a organização dos regimentos blindados constantes no quadro anexo XXI. (...)”<sup>18</sup>.

A organização do “Regimento Blindado”, no que se refere aos carros de combate, objectivo principal deste trabalho, contava com um Grupo de Carros de Combate que tinha a seguinte constituição:

- Comando
- 1º Esquadrão de Carros de Combate Ligeiros a dois Pelotões
- 2º Esquadrão de Carros de Combate Pesados a dois Pelotões.

seguinte distribuição<sup>16</sup>:

- 1º Esquadrão de CC:
  - M.G.-4010, M.G.-4014,
  - M.G.-4016, M.G.-4017
  - M.G.-4019, M.G.-4021,
  - M.G.-4022.
- 2º Esquadrão de CC:
  - M.G.-4015, M.G.-4018,
  - M.G.-4020, M.G.-4023,
  - M.G.-4024, M.G.-4025,
  - M.G.-4047.

Entre 1946 e 1947 chegaram a Portugal mais viaturas blindadas, também provenientes de Inglaterra, entre as quais os Carros de Combate *Centauro Mk I* 27 ton. 5,7 cm m/1946<sup>17</sup>, em quantidades suficientes para se produzirem novas alterações nos Regimentos de Cavalaria: até então o Regimento de Cavalaria N.º 3 e o Regimento de Cavalaria N.º 7 eram do tipo “Regimento de Carros de Combate” e o Regimento de Cavalaria n.º 4 era do tipo “Regimento de Auto-metralhadoras”. Em meados de 1947 iniciaram-se alterações nas orgânicas destes três Regimentos para que passassem a serem todos do tipo “Regimento Blindado”. Em 24 de Outubro foi publicada em Ordem do Exército a Portaria n.º 12087 do Ministério da Guerra que determinava:

A única excepção a esta organização estava prevista para o Regimento de Cavalaria N.º 7 que ficava com o seu Esquadrão de Carros de Combate Pesados organizados a três Pelotões.

A organização do Regimento de Cavalaria N.º 3 manteve-se inalterável até ao início do ano de 1948. Por esta altura iniciou-se a reestruturação da orgânica do Regimento com o objectivo de o transformar em “Regimento Blindado”. Iniciaram-se alterações nos dois Esquadrões de Carros de Combate com a finalidade de transformar o 1º Esquadrão em Esquadrão de Carros de Combate Ligeiro e o 2º Esquadrão em Esquadrão de Carros de Combate Pesado. A 23 de Janeiro de 1948 o Comandante do Regimento, Coronel Alberto Faria de Moraes determinou que não se utilizassem mais os Carros de Combate *Valentine Mk II* n.º M.G.-4010, M.G.-4017 e M.G.-4021 do 1º Esquadrão, bem como os n.º M.G.-4020, M.G.-4024 e M.G.-4047 do 2º Esquadrão<sup>19</sup>, até ordem contrária, com a finalidade de serem transferidos de Esquadrão ou para outra

unidade da Arma de Cavalaria. Na sequência desta reorganização os Carros de Combate *Valentine Mk II* n.º M.G.-4020, M.G.-4024, M.G.-4025 e M.G.-4047 do 2º Esquadrão foram transferidos para o 1º Esquadrão<sup>20</sup> e os Carros de Combate *Valentine Mk II* n.º M.G.-4010, M.G.-4015, M.G.-4016, M.G.-4017, M.G.-4018 e M.G.-4023 foram transferidos no dia 18 de Fevereiro por via férrea para a Escola Prática de Cavalaria, localizada em Torres Novas, segundo ordem superior do Comando da 4ª Região Militar de 14 de Fevereiro de 1948<sup>21</sup>. Todos os Carros de Combate *Valentine Mk II* do Regimento ficaram então concentrados no 1º Esquadrão, os quais passaram a serem considerados como Carros de Combate ligeiros<sup>22</sup>.

## A ÉPOCA DOS CENTAURO EM ESTREMOZ

Com a chegada ao Regimento de mais Carros de Combate, desta vez os “novos” Carros de Combate *Centauro Mk I* 27 ton. 5,7 cm m/



Carro de Combate *Centauro Mk I* n.º MG-55-65 do 2º Esquadrão de Carros de Combate, durante os Exercícios Finais de 1949-1950, na Serra d'Ossa.

1946, o 2º Esquadrão de Carros de Combate foi alterado conforme o disposto na Portaria n.º 12087 do Ministério da Guerra: passou a ser o Esquadrão de Carros de Combate Pesado do Grupo de Carros de Combate do Regimento. Os dois primeiros Carros de Combate *Centauro Mk I* a serem recebidos foram os M.G.-5529 e M.G.-5552<sup>23</sup>, os quais chegaram a Estremoz no dia 5 de Abril de 1948, onde foram colocados no 2º Esquadrão de Carros de Combate. Em 14 de Maio chegaram os Carros de Combate *Centauro Mk I* n.º M.G.-5524 e M.G.-5556, fornecidos directamente pela Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata<sup>24</sup>, onde terão sido preparados para entrega ao Regimento de Cavalaria N.º 3. Foram igualmente atribuídos ao 2º Esquadrão. Durante os meses seguintes mais Carros de Combate *Centauro Mk I* foram entregues ao Regimento: em 12 de Junho foram recebidos os n.º M.G.-5545, M.G.-5558 e M.G.-5565, em 12 de Julho os n.º M.G.-5566, M.G.-5567 e M.G.-5568 e em datas posteriores, que não nos foram possíveis identificar, foram recebidos os n.º M.G.-5523, M.G.-5550, M.G.-5551, M.G.-5569 e M.G.-5570<sup>25</sup>. Os últimos Carros de Combate *Centauro Mk I* a serem recebidos foram o n.º M.G.-5573 e M.G.-5576 que chegaram ao Regimento em 28 de Abril de 1951<sup>26</sup>. Com todos estes Carros de Combate os dois Esquadrões ficaram então com a seguinte organização<sup>27</sup>:

- 1º Esquadrão de Carros de Combate:
- 8 Carros de Combate *Valentine Mk II* com os n.º M.G.-4014, M.G.-4019, M.G.-4020, M.G.-4021, M.G.-4022, M.G.-4024, M.G.-4025 e M.G.-4047.







# Revista Military Technology

A Revista Military Technology (MILTECH) de Novembro de 2003 dedicou vários artigos de interesse à questão dos blindados (*armour*) que merecem, neste espaço da Revista da Cavalaria, a sua divulgação.

Os Artigos são:

- AAVV, *Quo Vadis Armour?*, pp. 36-52.
- AAVV, *US Armour in Combat: The Iraqi Lessons*, pp. 54-56.
- William K. Suttie, *Integrated Survivability for Land Platforms*, pp. 57-61.
- Ezio Bonsignore, *Armour Deployment Common Sense, Anyone?* Pp. 62-66.
- MajGen Melo Correia, *Portugal's procurement Priorities*, pp 69-70.
- Fulvio Bianchi, *Armoured Cavalry and Recon Vehicles*, pp. 71-81.

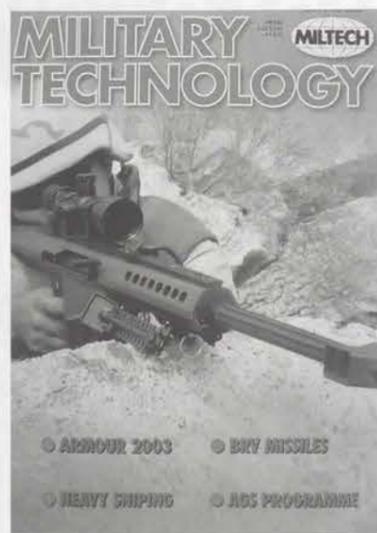
Todos os artigos são importantes e merecem uma leitura atenta. Por razões de espaço abordaremos somente o primeiro, "Quo Vadis, Armour?", que pela sua natureza e abrangência dos países envolvidos, torna-o bastante interessante.

"Quo Vadis, Armour?" é uma colectânea de respostas de vários países a um inquérito que a MILTECH dirigiu aos directores das Armas de Cavalaria (*Chiefs of*

*Armour*)/Comandantes das Escolas Práticas de Blindados (*Commanders of Armour Schools*). As perguntas enviadas a estas entidades foram as seguintes:

1. Em termos gerais, como avalia o papel actual e futuro dos blindados, incluindo as Viaturas de Combate Blindadas (VCB) ligeiras e pesadas – em que a "ligeira" significa a compatibilidade com o transporte aéreo por uma aeronave da classe C-130? Como é que o cenário estratégico global, pós-guerra fria e pós 11 de Setembro está a afectar o equilíbrio tradicional entre poder de fogo, protecção e mobilidade? Qual é a sua visão do debate "rodas vs lagartas"?
2. Como avalia as lições dos recentes conflitos e operações de *peacekeeping* mais robustas, em todo o mundo, no que diz respeito à importância relativa dos blindados ligeiros e pesados? Aceitaria a ideia de que a noção de "transportabilidade aérea" é a necessidade mais importante, mesmo quando implica a aceitação de compromissos relativos à protecção e sobrevivência?
3. No que diz respeito às suas Forças Armadas, qual é o papel actual dos blindados e como se está a desenvolver?
4. Poderia detalhar, com brevidade, os actuais planos de aquisição e modernização do seu país no que diz respeito a blindados?

Curiosamente, a MILTECH re-



conheceu que, ao contrário de outras iniciativas semelhantes, esta recebeu um reduzido número de respostas o que indica a sensibilidade (*poignant*) da seriedade e significado do debate que decorre sobre os blindados. Muitas entidades afirmaram não poder responder a estas perguntas porquanto elas estão a ser debatidas ao nível dos Estados Maiores do Exército, Chefes dos Estados-Maiors General, ou mesmo, ao nível dos Ministérios da Defesa.

Como veremos mais adiante, Portugal não consta dos países que responderam. Seria interessante saber se não responderam por não termos sido contactados ou pela razão anteriormente apresentada. Vejamos quais os países que responderam e, dentro destes, quem respondeu, bem como as ideias forças.

**Quem Respondeu?**  
**Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Itália e Polónia.**

**Quais as ideias força?**

**Áustria:**

- As unidades blindadas e mecanizadas continuam a ser a coluna vertebral dos exércitos e a resposta mais flexível para qualquer ameaça, incluindo as operações de *peaceenforcing* e *peacekeeping*;
- Para missões integradas em forças multinacionais preparam uma unidade de escalão brigada que inclui um esquadrão de Carros de Combate (CC) Leopard 2A4, uma companhia com Viaturas de Combate de Infantaria (VCI) Ulan e um batalhão com viaturas ligeiras Pandur.
- Substituir os CC M60A3 por Leopard 2A4.

**Bélgica:**

- Qualquer nação ou coligação que queira ter a capacidade de actuar em todo o espectro da guerra tem que ter forças ligeiras, médias e pesadas (em que o "médio" é o tipo de forças blindadas referidas no inquérito);
- A transportabilidade aérea de viaturas blindadas não é prioridade, tendo esta sido dada ao poder de fogo e protecção;
- A Bélgica fez a opção estratégica de no futuro só equipar forças de rodas ligeiras e médias. Os programas de aquisição para equipar estas forças ligeiras e médias não devem ser vistas como uma substituição da frota actual das viaturas blindadas de lagartas.

**Dinamarca:**

- A longo prazo, as novas possibilidades tecnológicas permitem aumentar o número de unidades de in-

fantaria mais robustas e poderosas com a possibilidade de redução do número de CC;

- Manter um equilíbrio entre Blindados e Infantaria, com aumento de ênfase na infantaria;
- Manter e reforçar a capacidade de reconhecimento ao nível de batalhão;
- A "caixa de ferramentas" das unidades de combate dinamarquesas têm CC Leopard 2A4 (até fim de 2004 substituídos por "2A5"); Viaturas de reconhecimento de rodas; Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP) de lagartas do tipo M113G3DK e VBTP de rodas do tipo Piranha.

**Finlândia**

- Em termos gerais, a reforma nas forças terrestres tende para uma diminuição do número de CC e de VCI de lagartas;
- A estrutura das forças finlandesas continua vocacionada para a defesa da nação;
- A reorganização em execução caminha para a constituição de unidades de escalão brigada, equipadas com viaturas de rodas (XA-203 ou AMV 8x8), VCI de lagartas (CV9030) ou viaturas utilitárias de lagartas para terrenos árticos;
- A Transportabilidade aérea não é uma prioridade para o Exército Finlandês.

**França:**

- As unidades equipadas com CC Leclerc, Viaturas Blindadas de Reconhecimento (VBR) AMX-10RC e ERC-90 estão capazes de conduzir operações de armas combinadas em todo o espectro de operações;
- As novas tecnologias de suspensão e trilhos permitirão que a opção seja indiferenciada entre rodas ou lagartas, em que ambos partilha-

rão uma larga parte de componentes;

- A transportabilidade aérea não é determinante. A coluna vertebral blindada do exército francês é constituído por oito Grupos de CC e sete batalhões de viaturas blindadas de rodas.

**Itália:**

- A mobilidade está destinada a ser mais importante do que a protecção;
- O combate urbano será o futuro campo de operações, quer em operações de grande intensidade, quer de baixa intensidade. Por isso, a prioridade deve ser dada à capacidade de *sprint* das viaturas, bem como à sua mobilidade. O longo alcance das armas poderá não ser uma prioridade.
- Os exércitos deverão manter uma combinação de viaturas de rodas e lagartas que possam ser articuladas, para se apoiarem de acordo com o tipo de operações.

**Polónia:**

- Não renunciar ao CC, embora o desenvolvimento de unidades pesadas não seja uma prioridade;
- Focalizar a atenção em unidades ligeiras flexíveis que possam ser empregues com carácter expedicionário e para a defesa do território;
- A transportabilidade aérea é uma prioridade, já que se sacrificará a protecção e o poder de fogo, uma vez que a segurança da força deve residir no domínio da informação e não na espessura da blindagem;
- Manterá unidades de lagartas e de rodas, com uma tendência para considerar o batalhão independente como o módulo base de combate.■





## Escola Prática de Cavalaria

### “III SEMANA MILITAR”

No âmbito das iniciativas levadas a cabo pelo Exército para cativar a adesão de jovens cidadãos às fileiras, a EPC abriu mais uma vez, as suas portas no período de 08 a 11 de Setembro passado, para a realização de mais um conjunto de actividades de carácter militar inscritas nas “*actividades de ocupação de tempos livres*”, destinadas a jovens alunos do 3º Ciclo do Ensino Nacional da região de Santarém.



Tenentes Coronéis no desempenho de funções de Comando, Direcção ou Chefia de outros U/E/O.

### CONFERÊNCIA DE COMANDANTES DAS ESCOLAS DE BLINDADOS DA NATO

A Escola de Cavalaria italiana, localizada em LECCE (Sudeste de Itália), acolheu no período de 06 a 10 de Outubro passado, a Conferência de Comandantes das Escolas de Blindados da NATO – 2003, subordinada ao tema “*Training Simulation Systems used in the NATO's Armour Schools: Experiences and future projects*”, com a finalidade genérica de apresentar e debater assuntos relacionados com as Escolas de Blindados da NATO.



### 9ª CONFERÊNCIA PERIÓDICA DOS COMANDANTES DAS UNIDADES DE CAVALARIA

Teve lugar na Escola Prática de Cavalaria (EPC), em 29 de Janeiro de 2004, a “9ª Conferência Periódica dos Comandantes das Unidades de Cavalaria” (com carácter meramente simbólico), presidida pelo novo Director Honorário da Arma de Cavalaria, Exmo Tenente General Raúl Durão Correia.

Foram presentes no evento os Oficiais Gerais Oriundos da Arma de Cavalaria, os Comandantes das Unidades de Cavalaria e ainda os Coronéis e

### DESPEDIDA, NA EPC, DO EXMO DIRECTOR HONORÁRIO DA ARMA DE CAVALARIA, TGEN SOUSA PINTO

Integrada no conjunto de eventos que simbolizaram o final do exercício de funções do Exmo Director Honorário da Arma de Cavalaria (DHAC), Tenente General Alexandre de Castro Sousa Pinto, teve lugar, em 11 de Novembro passado, na Escola Prática de Cavalaria, o conjunto de Cerimónias alusivas, nas quais tomaram parte as Unidades de Cavalaria, respectivos Comandantes e suas delegações, e ainda, todos os Oficiais Gerais no activo oriundos da Arma de Cavalaria.

### ESPERA DO TIROCÍNIO PARA OFICIAIS DE CAVALARIA

No início do passado mês de Outubro, ocorreu na Escola Prática de Cavalaria, a tradicional Cerimónia de recepção dos alunos do 5º ano do Curso de Cavalaria da Academia Militar “**A ESPERA DO TPO**”.



## Regimento de Lanceiros nº 2

### INSPECÇÃO GERAL DA DEFESA NACIONAL

Decorreu no RL2 no período de 29 de Setembro a 10 de Outubro de 2003 uma Inspeção à Administração dos Meios Materiais levada a cabo pela Inspeção Geral da Defesa Nacional do Ministério da Defesa Nacional. Esta Inspeção destinou-se a avaliar a eficácia e eficiência da administração dos meios materiais, bem como o cumprimento das obrigações impostas por Lei.



### INSTRUÇÃO DE CONTROLO DE TUMULTOS AO 3º BIPARA E AO AGR H

O Regimento de Lanceiros Nº2 (RL2) ministrou instrução de Controlo de Tumultos, 1ª Fase, ao 3º BIPara (8 Oficiais e 18 Sargentos) no período de 20 a 24 de Outubro de 2003 e ao Agrupamento Hotel e outros graduados (8 Oficiais e 9 Sargentos) no período de 27 a 31 de Outubro de 2003.



### CERIMÓNIA DE DESCERRAMENTO DE UMA LÁPIDE AO 1º CABO PE HUGO PAULINO

O RL2 realizou no dia 5 de Novembro de 2003 na Parada Marechal Carmona, a cerimónia de descerramento

de uma Lápide evocativa da morte do 1º Cabo Hugo Paulino, presidida pelo Exmo Comandante do Regimento, COR Cav José Romão Mourato Caldeira.



### CERIMÓNIA DE DESPEDIDA DO TGEN GML, TGEN SOUSA PINTO

Sua Exa o TGEN Governador Militar de Lisboa, TGEN Sousa Pinto, por atingir o limite de idade estabelecido estatutariamente e transitar para a situação de Reserva, despediu-se do Comando Territorial, em Cerimónia Militar que teve lugar no Regimento de Lanceiros Nº2 (RL2).



### TRANSFERÊNCIA DE COMANDO DO RL2

No dia 04 de Dezembro de 2003, o COR Cav José Romão Mourato Caldeira cessou as suas funções como Comandante do Regimento de Lanceiros Nº2 (RL2) tendo assumido o Comando o COR Cav Luís Miguel Correia David e Silva.

### OPERAÇÃO LIVRO DA SELVA

O RL2 com o seu Grupo de Polícia do Exército realizou em 07JAN04 nos terrenos militares anexos ao Forte do Alto do Duque na Mata de Monsanto, um exercício de escalão Pelotão denominado “Operação Livro da Selva”, fechando assim mais um ciclo de Treino Operacional colectivo na vertente de Campanha.



### CERIMÓNIAS COMEMORATIVAS DOS 171 ANOS DO RL2

O Regimento de Lanceiros Nº2 completou no passado dia 07 de Fevereiro de 2004 cento e setenta e um anos de existência. Este ano, a unidade comemorou o seu aniversário no dia 06 de Fevereiro, antecipando assim para uma 6ª feira a realização da cerimónia militar.

Presidiu à cerimónia, S Exº o Tenente General Governador Militar de Lisboa, Tenente General Almeida Martins. Uma vez mais e procurando juntar todos os Lanceiros na sua Casa Mãe, fizeram parte das Forças em Parada, delegações das diferentes SubUnidades de Polícia do Exército implantadas no Território Nacional: Esquadrões de Lanceiros Norte, Sul e de Ponta Delgada, os Pelotões PE da BMI, BAI, BLI, EPC e ZMM.





## Regimento de Cavalaria nº 3

### RC3 CONDECORADO COM A MEDALHA DE SERVIÇOS DISTINTOS GRAU OURO PELA LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES

No dia 19 de Outubro de 2003 o RC3, na pessoa do Exmº Comandante, Coronel de Cavalaria, Alberto Jorge Crispim Gomes, foi agraciado com a



mais alta Condecoração da Liga dos Bombeiros Portugueses, a Medalha de Serviços Distintos, Grau Ouro. Esta condecoração, materializou o reconhecimento pelo apoio e colaboração que o Regimento tem prestado à Associação, minimizando as suas dificuldades financeiras e logísticas, contribuindo assim para o bom desempenho da sua missão humanitária

### APRESENTAÇÃO DE CUMPRIMENTOS DE DESPEDIDA DO EXMº MGEN NORBERTO BERNARDES, 2º COMANDANTE DA REGIÃO MILITAR SUL

Em 03 de Novembro de 2003, o RC3 recebeu a apresentação de cumprimentos de despedida do Exmº



MGEN Norberto Bernardes, 2º Comandante da Região Militar Sul. Do programa da visita, que se realizou com o brilhantismo apanágio dos Dragões de Olivença, constaram, apresentação de cumprimentos no Salão Nobre, assinatura do Livro de Honra e Porto de Honra no Palácio Reynolds.

### TERTÚLIAS DRAGÕES DE OLIVENÇA

No passado dia 06 de Novembro, o Cmdt do RC3 COR Cav Crispim Gomes recebeu uma série de convidados na Casa de Oficiais para mais um jantar/conferência, no âmbito das Tertúlias Dragões de Olivença. O Orador, Dr. Carlos Varela, foi convidado para falar sobre o tema: "Os Órgãos de Comunicação Social e as Forças Armadas".

### GUADIANA 031

Decorreu entre 17 e 28 de Novembro de 2003, na Região de Oriola e Portel, Distrito de Évora, o Exercício no âmbito das Operações de Apoio à Paz de nome "GUADIANA 031". A finalidade deste exercício foi a de praticar o planeamento, coordenação e conduta de actividades desenvolvidas em Operações de Apoio à Paz, num cenário com características semelhantes às do Teatro de Operações onde o 3º BIPará será empregue (Bósnia-Herzegovina) tendo em vista testar e



desenvolver os níveis de prontidão e capacidade desta Subunidade da Brigada (BAI), para emprego em operações de manutenção / imposição de paz, no quadro da sua missão na SFOR, bem como testar o emprego da FORÇA MODULAR GRIFO numa acção de reforço rápido da Força Nacional Destacada no Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina, através de uma Operação Aerotransportada. Os objectivos a atingir visaram: desenvolver a capacidade de planeamento, coordenação e controlo de acções características das Operações de Apoio à Paz, de uma Operação Aerotransportada e de Operações de Combate na sequência desta.

### FESTA DE NATAL

No dia 18DEC03 o RC3 realizou a tradicional festa de Natal, onde estiveram presentes todos os militares, funcionários civis e respectivas famílias. Durante o lanche que se realizou no Bar de Praças, o Pai Natal fez a entrega dos presentes às crianças, enquanto a "orquestra do RC3" actuava. O convívio terminou com um jantar na Casa de Sargentos.



## Regimento de Cavalaria nº 4

### CURSO DE FORMAÇÃO DE PRAÇAS DO SEN

Entre Agosto de 2003 e Fevereiro de 2004, decorreram no RC4 três incorporações para o Curso de Formação de Praças, nomeadamente o 4ºT/03-B em 11AGO03 com 122 recrutas, o 6ºT/03-B em 10NOV03 com 121 recrutas e o 1ºT/04-B em 05JAN04 com 65 recrutas.

As respectivas cerimónias do Juramento de Bandeira ocorreram em 12SET03 para o 4ºT/03-B, em 12DEC04 para 6ºT/03-B e em 06FEV04 para o 1ºT/04-B, todas presididas pelo Exmº Comandante do CMSM/BMI e com a presença dos seus familiares.



### TOMADA DE POSSE DO NOVO COMANDANTE DO RC4

Por Despacho de 08JUL03 de SExa. o GEN CEME, foi nomeado "por escolha" Comandante do Regimento de Cavalaria Nº4, o COR Cav Luís Manuel Prostes Villa de Brito. A Cerimónia de tomada de posse de comando decorreu no dia 22OUT04 e contou com a presença de familiares e amigos do COR Villa de Brito.



Em virtude de se encontrar desde 01MAI03 a comandar o Multinational Battle Group / SFOR (MNBG), o Cmdt do RC4 regressou em 27OUT03 ao Teatro de Operações (TO) da Bósnia Herzegovina (BiH) continuando a exercer em acumulação, as suas funções até 05JAN04, data em que terminou a sua missão e regressou ao Território Nacional.

### ACTIVIDADE OPERACIONAL

Da actividade operacional desenvolvida pelas duas subunidades do Encargo Operacional (EOP) do RC4 para a Brigada Mecanizada Independente (Grupo de Carros de Combate e Esquadrão de Reconhecimento) no 2º Semestre de 2003, destaca-se a sua participação no Exercício ARCO033 e a execução do Tiro do EOP.



O Exercício ARCO033 decorreu no CMSM e incluiu um LOGEX (06/10OUT03) na modalidade de CPX, um FTX (24/27NOV03) e um LFX (28NOV03), tendo o GCC participado com 1 Esquadrão de Carros de Combate e o ERec com o Comando e 1 Pelotão de Reconhecimento.

### COMEMORAÇÕES FESTIVAS DA QUADRA NATALÍCIA

No período que antecedeu a quadra Natalícia, o RC4 tomou parte nas actividades comemorativas próprias da época, promovidas pelo CMSM.

Destas actividades salientam-se o concurso de Presépios, a Missa de Natal e a Festa no cinema do CMSM com algumas actividades lúdicas para os filhos de todos os militares e civis que prestam serviço no CMSM.

Estas comemorações culminaram com um jantar para todos os militares e civis e respectivas famílias, onde foram distribuídas algumas lembranças às crianças, materializando assim o Natal da família do RC4.

### RECEPÇÃO DO AGR GOLF E DO CMD DO MULTINATIONAL BATTLE GROUP

Realizou-se no RC4 no dia 10 de Fevereiro de 2004, a Recepção dos militares

do Cmd/MNBG e do Agr GOLF que cumpriram a sua missão no TO da BiH no 2º Semestre de 2003.

A Cerimónia militar foi presidida pelo Exmo TGEN António Luís Ferreira do Amaral, Comandante Operacional das Forças Terrestres (COFT) e contou ainda com a presença dos Comandantes da BMI, BAI e BLI, Comandantes e delegações das UU/OO do CMSM/BMI e familiares e amigos dos militares desta FND.

Como pontos altos desta Cerimónia, salientam-se a entrega do Estandarte Nacional do Agr GOLF ao Cmdt do CMSM/BMI, a entrega da Bandeira Nacional que esteve hasteada no QG/MNBG no dia 31DEZ03 (último dia do Comando português), ao Cmdt do CMSM/BMI e os discursos do TGEN COFT e do MGEN Cmdt do CMSM/BMI.

O programa incluiu também a apresentação de uma exposição relativa à actividade desenvolvida pelo Agr GOLF e um almoço convívio com todos os militares do RC4 e convidados.

O MNBG é uma Unidade pertencente à Multinational Brigade North, constituída por um Batalhão Português e um Batalhão Polaco. Durante o ano de 2003, foi comandado por um oficial português e no 2º Semestre o seu Estado Maior integrou 15 militares portugueses, na sua maioria pertencentes a unidades do CMSM e da BMI.

O Agr GOLF efectuou o seu aprontamento neste RC4, foi comandado pelo TCOR Cav Luis Nunes da Fonseca e teve um efectivo de 275 militares também pertencentes na sua maioria às unidades do CMSM e da BMI. No TO da BiH recebeu sob controle operacional uma Companhia Eslovena.





# Regimento de Cavalaria n.º 6

## ACTIVIDADE OPERACIONAL / INSTRUÇÃO

### ORION 03

De 10 a 21 de Novembro, o Exército Português realizou o exercício ORION 03, que envolveu toda a componente operacional do Sistema de Forças do Exército.

O RC6 com o seu encargo operacional, participou no QG/BLI, em Coimbra, com uma Célula de Resposta do Comando do ERec/ BLI.

### FRENTE NORTE 03

Decorreu de 02 a 05 de Dezembro, o exercício FRENTE NORTE 03, realizado ao nível da Região Militar



Norte, de postos de comando, CPX, destinado fundamentalmente a treinar os Quadros, em particular os das Unidades Territoriais com responsabilidade na convocação/mobilização das unidades da BDTN.

O RC6, participou com uma Célula de Resposta do Comando do ERec/ BDTN.

### HÉRMES - 032

No âmbito da preparação e aprontamento do Agr HOTEL/ UNMISSET, a destacar para Timor Leste, durante o 1º Semestre de 2004, realizou-se de 09 a 14 de Dezembro, o exercício HERMES-032, na Região da Serra de Padrela. Teve como finalidade a validação / avaliação da proficiência daquele Agrupamento.

O RC6, participou com uma equipa constituída por um Oficial e um Sargento na Estrutura de Controlo e Arbitragem.

## REGRESSO DO EREC/BLI DE TIMOR LESTE

Na segunda quinzena do mês de Janeiro de 2004, regressou de Timor Leste, o Esquadrão de Reconhecimento do Regimento, integrado no Agrupamento Foxtrot da Brigada Ligeira de Intervenção. O ERec iniciou a sua preparação em Fevereiro de 2003, no RI19 em Chaves, e embarcou para Timor em Julho passado.

## CERIMÓNIAS

- Cerimónia do Dia dos Finados (03NOV03);
- Cerimónia das Comemorações do Dia do Armistício (11NOV03);



- Juramento de Bandeira do 1ºT/04-A (03FEV04) presidida pelo Exmo Comandante da RMN, Tenente General;
- Cerimónia de Recepção do ERec/ BLI (18FEV04).



## VISITAS AO REGIMENTO

Em 20 de Novembro, o Exmo MGEN Cabaça Ruaz, 2º Comandante da Região Militar do Norte visitou oficialmente o Regimento.



## VISITAS DE ALUNOS AO RC6

Visita de 98 alunos e 6 professores do Agrupamento de Escolas Cavado e Homem em 27 e 28 de Outubro de 2003



## FESTA DE NATAL 2003



# GALE - Grupo de Aviação Ligeira do Exército

## HELICÓPTEROS

O Grupo de Aviação Ligeira do Exército (GALE) aguarda, desde 4 de Setembro de 2002, - data da rescisão do contrato de aquisição de 9 helicópteros EC 635, por incumprimento dos prazos de entrega estabelecidos e da não certificação do sistema de mísseis - que sejam tomadas decisões relativas à aeronave que irá equipar o seu Esquadrão de Helicópteros de Observação.



## CELEBRAÇÃO DA SEMANA DO EXÉRCITO

No Polígono Militar de Tancos, a Semana do Exército foi organizada em conjunto pelo Grupo de Aviação Ligeira do Exército (GALE), Comando das Tropas Aerotransportadas (CTAT) e Escola Prática de Engenharia (EPE), cabendo ao GALE a organização, em 23 de Julho, de um passeio de BTT cujo percurso que se estendeu por 27 Km em redor do Polígono Militar de Tancos proporcionou um agradável convívio e contacto com a natureza.



## CONFERÊNCIA PERIÓDICA DE COMANDANTES DAS UNIDADES DE CAVALARIA

No passado dia 22 de Janeiro, decorreu no Grupo de Aviação Ligeira do

Exército (GALE) a 6ª Conferência Periódica de Comandantes das Unidades de Cavalaria, presidida pelo Director Honorário da Arma de Cavalaria, Tenente-General Alexandre Maria de Castro de Sousa Pinto.



## TRANSFERÊNCIA DE COMANDO

Em 31 de Julho, cessou as funções de Comandante do Grupo de Aviação Ligeira do Exército (GALE) o Coronel de Cavalaria Luís Manuel dos Santos Newton Parreira.



Em 01 de Agosto assumiu o comando do GALE o Tenente-Coronel de Cavalaria Emílio de Oliveira Duarte.

## CAMPEONATOS DESPORTIVOS



Enquadrado nas actividades desportivas da Região Militar Sul, o Grupo de Aviação Ligeira do Exército (GALE) participou, no período de 24 a 28 de Março, na fase regional do Campeonato de Tiro e de 7 a 14 de Abril no Campeonato de Orientação no I e II Escalão Masculino.

## INSPECÇÕES

No âmbito das actividades do 3º quadrimestre, o Grupo de Aviação Ligeira do Exército (GALE), foi sujeito a duas inspecções gerais. Em 16 e 17 de Setembro uma Inspeção Geral Ordinária por parte da Inspeção Geral do Exército e no período de 20 a 24 de Outubro uma inspeção à administração dos meios humanos por parte da Inspeção-Geral da Defesa Nacional.

## EXERCÍCIOS

No período de 6 a 10 de Outubro em AGONCILLO (BHELMA 3) no exercício SARRIO 03 com 2 oficiais pilotos.

Em LAMEGO, no exercício FORCESGOE-03, no período de 13 a 22 de Outubro com vários pilotos, mecânicos e bombeiros.

No CPX do exercício ORION 03 que decorreu no período de 10 a 21 de Novembro.

Em ÉVORA/BEJA, no exercício GUADIANA 031, no período de 17 a 28 de Novembro com vários pilotos, mecânicos e bombeiros.



# Esquadrão de Polícia do Exército do Comando da Zona Militar dos Açores

Foi com muito orgulho e satisfação que recebi o nº 1 da "Revista da Cavalaria". Como comandante do Esquadrão de Polícia do Exército do Comando da Zona Militar dos Açores (EsqPE/ZMA) em Ponta Delgada, senti que deveria aproveitar esta oportunidade para dar a conhecer esta Unidade de Cavalaria que representa a essência do Militar de Polícia do Exército Açoriano e é herdeira das tradições dos antigos Lanceiros de Portugal.

## ORIGEM DO ESQPE/ZMA

O Esquadrão de Lanceiros de Ponta Delgada foi criado pelo Decreto-lei 181/77 de 4 de Maio. O seu embrião, o Pelotão de Polícia Militar (PM) do Quartel General do Comando Territorial Independente dos



Açores, estava sediado no QG/CTIA e na sua dependência operacional. O Pelotão era constituído por militares seleccionados das várias unidades do Arquipélago.

Em 28 de Maio de 1975, o Chefe da 3ª Repartição do QG/CTIA, o então Capitão Rocha e Silva, face à carência de instalações, bem como ao enfraquecimento da disciplina, fruto do contacto directo dos elementos da PM com os restantes militares daquela unidade, propõe a constituição de uma força de PM a instalar no aquartelamento da antiga Bateria de Costa nº 15, localizada na Castanheira. Esta proposta viria a ser aprovada por despacho, de 31 de Maio, do Comandante Chefe das Forças Armadas nos Açores, General Altino de Magalhães.

Surge assim em 11 de Fevereiro de 1976, nas instalações da Castanheira, o Esquadrão de Lanceiros do Comando Territorial Independente dos Açores, comandado pelo então Capitão de Cavalaria Jorge Félix Furtado Dias, que assina a sua primeira Ordem de Serviço em 18 de Fevereiro de 1976. Em 8 de Novembro de 1983, por Portaria do Ministério da Defesa Nacional, é aprovado o Brasão de Armas do Esquadrão de Lanceiros de Ponta Delgada e em 20 de Junho de 1984 é aprovado, também por Portaria do mesmo Ministério, o Guião da Unidade.

Pelo Despacho nº 43/94 de 6 de Abril, nos termos do disposto no nº 2 do artigo 28º do Decreto-Lei nº 50/93, de 26 de Fevereiro, e em conformidade com o Despacho nº 71/93, de 30 de Junho, do Ministro da Defesa Nacional, publicado no Diário da República nº 163 - II Série, de 14 de Julho de 1993 o Esquadrão de Lanceiros de Ponta Delgada é extinto, dando lugar ao Esquadrão de Polícia do Exército do Comando da Zona Militar dos Açores.

Em 12 de Abril de 1994 nos termos da Directiva nº 3/94 do Brigadeiro Comandante da ZMA, o EsqPE é transferido das instalações da Castanheira para as instalações do Forte de S. Brás.

Em 8 de Julho de 1996, em cumprimento do despacho, do Brigadeiro Comandante da ZMA, de 29 de Dezembro de 1995, o EsqPE é transferido das instalações do Forte de S. Brás para as actuais instalações em S. Gonçalo.



## Descrição heráldica do Brasão de Armas

- Escudo de negro, um açor estendido de ouro e calçado de vermelho, armado à dextra e à sinistra por duas espadas antigas em pala de ouro com listel de azul.
- Elmo militar, de prata, forrado de vermelho, a três quartos para a dextra.
- Paquífe e virol de negro e ouro.
- Timbre, duas lanças de ouro com bandeiras de duas pontas de vermelho, passadas em aspa e atadas do mesmo, sustentando um açor estendido em ouro e calçado de vermelho.
- Divisa: num listel branco, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras elzevir, maiúsculas, de negro.

## Simbologia e alusão das peças

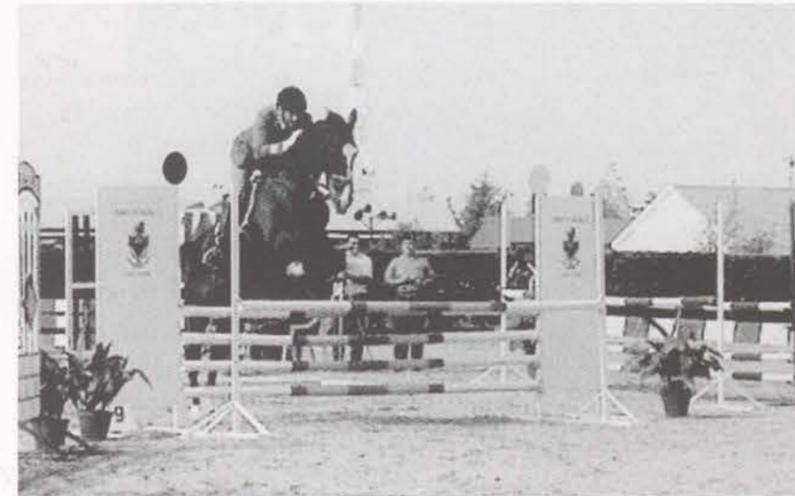
- O açor simboliza, de um modo falante, o Arquipélago dos Açores e simultaneamente o lanceiro açoriano, sentinela vigilante e atenta à manutenção da ordem e disciplina na Zona Militar dos Açores, em prole da qual actua.
- O feixe de setas representa a cidade de Ponta Delgada, aludindo ao seu padroeiro o mártir São Sebastião.
- As espadas simbolizam a arma de cavalaria.
- O timbre, a imagem genérica dos corpos de lanceiros e as lanças ao serem ligadas ao açor transformam-se no símbolo da unidade Os Lanceiros da ZMA.
- O ouro significa força, nobreza e fidelidade.
- O vermelho significa consciência do seu valor, audácia, firmeza.
- O azul significa zelo, espírito de justiça e lealdade.
- O negro representa a terra e significa constância na adversidade, honestidade e espírito de obediência.

# CMEFD – Centro Militar de Educação Física e Desportos

• Teve início, em 06 de Outubro de 2003, o Curso de Instrutores de Equitação, tendo iniciado o curso um Oficial Subalterno de Cavalaria, e dois alunos civis, inscritos pela Federação Equestre Portuguesa.

• A Reprise da "Escola de Mafra" apresentou-se por ocasião do dia do CMEFD, em 19 de Novembro de 2003, com a participação de cavalos cruzados e de cavalos lusitanos, provenientes da Coudelaria Nacional, que se encontram neste Centro ao abrigo de um protocolo de cooperação entre o Exército e o Serviço Nacional Coudélico. Nesse dia, decorreu, a seguir ao almoço de confraternização, uma poule de obstáculos, que contou com a participação de cavaleiros de diversas Unidades de Cavalaria.

• Tiveram lugar, neste Centro Militar, em 17 e em 31 de Janeiro de 2004, duas poules de Concurso Completo de Equitação, organizadas pela Liga dos Amigos de Mafra, que tiveram a participação de 15 concorrentes militares e cerca de 40 concorrentes civis.



ASSOCIAÇÃO REVISTA DA CAVALARIA

SEDE: Regimento de Lanceiros 2, Calçada da Ajuda 1349-054 LISBOA

Militar: Posto, Arma, Situação (Activo, Reserva, Reforma)

Civil: Título

Nome:

Morada:

Localidade:

Código Postal:

Outros Contactos:

## ATENÇÃO

Envie este impresso directamente para a Associação e não para o seu Banco. O total preenchimento dos dados e a assinatura autorizada são indispensáveis.

## Modalidades para ser sócio da Associação:

(Assinale a modalidade que pretende)

- 1ª Mod - Quota anual individual no valor de 15€ Euros
- 2ª Mod - Quota institucional anual no valor de 75 Euros (destinada a Associações, U/E/O, empresas, ...)
- 3ª Mod - Quota anual para sócios beneméritos no valor de \_\_\_\_\_ Euros (valor nunca inferior à quota individual)
- 4ª Mod - Quota anual para instituições beneméritas no valor de \_\_\_\_\_ Euros (nunca inferior ao valor da 2ª Mod destinada a Associações, U/E/O, empresas, ...)

## Promoções, Nomeações e Óbitos

### FORAM PROMOVIDOS A:

#### CORONEL

27FEV04 - TCOR Emilio de Oliveira Duarte

#### TENENTE-CORONEL

28SET03 - MAJ Jorge Fernando de Almeida Brito  
14FEV04 - MAJ Jaime Joaquim Picado Nogueiro

#### MAJOR

16JAN04 - Luís Henrique Ribeiro Crispim  
14FEV04 - CAP Jorge Filipe da Silva Ferreira

#### SARGENTO-AJUDANTE

01FEV04 - 1SAR Jorge Manuel Agante de Matos

### FORAM NOMEADOS:

#### FUNÇÕES

08SET03/**Chefe da Divisão de Pessoal do EME** - COR Luís dos Santos Ferreira da Silva  
08SET03/**Chefe de Estado-Maior do QG/RMN** - COR Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros  
22SET03/**2º Comandante do RC4** - TCOR João Paulo Silva Esteves Pereira  
22OUT03/**2º Comandante do CMSM** - COR José Alberto Martins Ferreira  
22OUT03/**Comandante do RC4** - Cor Luís Manuel Prostes Villa de Brito  
17NOV03/**Director Honorário da Arma de Cavalaria** - TGEN Raúl Durão Correia  
04DEC03/**2º Comandante da BLI** - COR José Romão Mourato Caldeira  
04DEC03/**Comandante do RL2** - COR Luís Miguel Correia David e Silva  
13FEV04/**2º Comandante do RL2** - TCOR Rui Jorge do Carmo Cruz Silva  
16FEV04/**Comandante do Grupo de Polícia do Exército** - TCOR Luís Eduardo Marquês Saraiva  
26FEV04/**Chefe da Repartição de Plano da DIOP (EMGFA)** - COR Eurico da Silva Santos  
03MAR04/**Chefe da Repartição de Planeamento de Forças/DIPLAEM (EMGFA)** - TCOR Viriato Cezar Coelho do Amaral

#### CURSO

Curso Geral de Comando e Direcção  
-COR Luís Manuel dos Santos Newton Parreira  
- COR Mário Rui Correia Gomes

#### FALECERAM:

29DEC03 - COR Alexandre Baía R. dos Santos  
30JAN04 - TGEN Henrique Bernardino Godinho

Exmos Senhores,  
Venho por este meio autorizar a efectivação de transferência bancária regular para pagamento das quotas da Associação Revista da Cavalaria no valor de \_\_\_\_\_ € por ano, a debitar em \_\_\_\_\_.

#### Dados da conta a debitar

Banco \_\_\_\_\_

Dependência \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

NI da conta \_\_\_\_\_

NIB \_\_\_\_\_

Em nome de \_\_\_\_\_

#### Dados da conta a creditar

(nome do nosso banco)

Conta: \_\_\_\_\_

NIB: \_\_\_\_\_

Em nome de: \_\_\_\_\_

Com os melhores cumprimentos

(Assinatura igual à existente no Banco)

Data: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

# Patria

# Patria AMV 8x8



A PATRIA tem uma longa experiência na construção de Veículos Blindados de Rodas

- Grande capacidade de transporte
- Elevado grau de protecção e segurança
- Mecânica robusta e de confiança
- Fácil de usar e manter
- Baixo custo do ciclo de vida

Patria Vehicles Oy

P.O. Box 186

FIN-13101 Hämeenlinna

Finland

Tel +358 20 4691

Fax +358 20 469 6684

  
www.patria.fi



MONTAGREX - OPTAGREX  
Sociedade Portuguesa de Importação e Exportação, Lda

